

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO – LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Natalia Comerlatto Ribacki

Bonecas articuladas: conexões entre a história, a arte e seu ensino

Porto Alegre

2016

Natalia Comerlatto Ribacki

**BONECAS ARTICULADAS: CONEXÕES ENTRE A HISTÓRIA, A ARTE E
SEU ENSINO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais.

Área de habilitação: Licenciatura em Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Celso Vitelli

Porto Alegre

[1]

2016

NATALIA COMERLATTO RIBACKI

**BONECAS ARTICULADAS: CONEXÕES ENTRE A HISTÓRIA, A ARTE E SEU
ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dr. Celso Vitelli – Orientador

Prof. Dra. Paola Zordan – Banca Examinadora

Prof. Dra. Tânia Ramos Fortuna – Banca Examinadora

Porto Alegre, 2016.

[2]

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma investigação histórica sobre as bonecas e a representação do corpo feminino, e também das relações que foram estabelecidas entre essa história e o ensino de artes visuais. A pesquisa se divide em dois momentos: o primeiro trata, exclusivamente, sobre bonecas articuladas jovens ou adultas, e abrange um período de tempo entre 4000 a.C. a até o século XXI. O segundo momento apresenta a criação de um projeto de ensino com base na pesquisa desenvolvida, e sua posterior aplicação durante o período de Estágio Docente.

Palavras-chave: bonecas, corpo feminino, ensino.

RIBACKI, Natalia. **Bonecas articuladas: conexões entre a história, a arte e seu ensino.** Porto Alegre, 2016, 61f. Trabalho de Conclusão em Licenciatura em Artes Visuais – Curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre, 2016

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Recriação da Vênus de Dolni Vestonice, pela Academia de Ciências da República Checa	11
Figura 2. Bonecas egípcias, 4000 a.C. Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague.....	12
Figura 3. Bell Idoll, Museu do Louvre. Século VII a.C.....	14
Figura 4. Boneca Grega destinada às crianças.....	17
Figura 5a. British Museum. Século IV a.C.....	18
Figura 5b. Afrodite de Cnidus. Século IV a.C.....	18
Figura 6. Boneca Museu Thorvaldsen. Arquivo pessoal.....	19
Figura 7. Boneca articulada Egípcia com os braços perdidos.....	24
Figura 8a. Lord Clapham.....	28
Figura 8b. Lady Clapham.....	28
Figura 9. Lord Clapham e Lady Clapham.....	29
Figura 10. Bleuette.....	31
Figura 11. Coleção Barbie 2016.....	34
Figura 12. Boneca Lammily.....	35
Figura 13a. Adam, Dürer (1507).....	39
Figura 13b. Boneco articulado de 1525, Museo Del Prado.....	39
Figura 14. The Doll, Hans Bellmer (1930)	41
Figura 15a. Pele de boneca, Lia Menna Barreto (2009).....	42
Figura 15b. Toddlerpede, Jon Beinart.....	42
Figura 16. Trabalhos realizados pelos alunos do sétimo ano.....	51
Figura 17. Trabalho realizado pelos alunos do sétimo ano.....	54
Figura 18. Trabalho realizado por uma aluna do 1º ano do Ensino Médio.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I: O CORPO DA MULHER E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	8
1.1. Bonecas articuladas entre os séculos V a.C. ao XXI.....	8
1.2. As primeiras “Barbies” do mundo: Pré-História e Idade Antiga	10
1.3. Tempos obscuros para a boneca: Idade Média.....	22
1.4. Idade Moderna e Contemporânea.....	27
1.5 O Mundo de Plástico e suas mudanças necessárias	32
1.5.1 Mudanças Necessárias.....	37
1.6. As bonecas dentro do Museu	39
CAPÍTULO II: DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA.....	45
2.1. Primeiras impressões sobre a escola	45
2.2. Professora e pesquisadora	46
3. Considerações Finais.....	57
REFERÊNCIAS	59
Apêndice: Plano de aula.....	61

INTRODUÇÃO

A boneca, vista como um objeto comum entre tantos, poderia ser somente uma “representação humana, frequentemente provida de membros articulados, para melhor imitar a vida, permitindo desempenhar todos os papéis e praticar todos os deslizes simbólicos e imaginários”¹, mas ela vai muito além disso. Escolhi a boneca por ser um objeto que é historicamente ligado à mulher e que, principalmente, é uma imagem de uma mulher. Como meu interesse é focado na representação do corpo da mulher nas bonecas articuladas, produzi um recorte sobre o tema dentro da história das bonecas. Primeiramente eu busquei todas as imagens de bonecas articuladas, depois, todas que continham representações de mulheres adultas ou jovens.

A história da Arte foi escrita através de escolhas. Afinal, arrisco afirmar que grande parte das histórias escritas ou orais são feitas através de escolhas. Nessa direção, a história da Arte parece se manter com escolhas parecidas. Folheando três livros de três diferentes autores² sobre a história da arte, pude ver que os três autores escolheram artefatos semelhantes para representar os mesmos períodos da história da arte, apesar de toda a gama de objetos diversos que cada cultura construiu. Mesmo as bonecas sendo atribuídas por diversos autores como objetos de culto³, as mesmas não entraram na história da arte assim como as diferentes estátuas de deuses ou máscaras ritualísticas encontradas em distintas civilizações. E mesmo que as bonecas tenham sido tão utilitárias quanto uma jarra grega decorada, elas também não entraram para a história da arte nessa categoria. Meu objetivo com essa pesquisa foi o de analisar a forma como eram representados os corpos femininos nas bonecas articuladas, propondo uma cronologia das representações femininas ao longo da história da arte, contada através das bonecas.

Inicialmente tinha por objetivo perceber os padrões corporais das bonecas, traçando relações com o corpo ideal. Porém, durante o decorrer do trabalho, pude perceber que mesmo dentro do recorte que eu havia proposto (somente bonecas articuladas que representassem jovens ou adultos), muitas bonecas não necessariamente

¹ MANSON, Michel. 2002, p. 22.

² GOMBRICH, Ernst H.. **A História da Arte**. 16. ed. Cosac & Naify, ltc Editora, 1999; BELL, Julian. **Uma nova história da arte**. WMF Martins Fontes, 2008; JANSON, H.w.. **A nova história da arte de Janson**. 9. ed. Calouste Gulbenkian, 2010.

³ MANSON (2002); ELDERKIN (1930).

apresentavam alguma relação com o corpo ideal como é o caso de certas bonecas do século XVIII que, apesar de serem articuladas, tem o corpo de tecido que pouco diz sobre algum tipo de padrão de beleza. Com isso, a pesquisa acabou por tornar-se uma breve história das bonecas articuladas, e serviu de base para meu Projeto de Ensino, posto em prática durante o estágio docente. Além de levar o tema pesquisado para o Trabalho de Conclusão de Curso para dentro da sala de aula, o objetivo foi o de desenvolver um Projeto de Ensino que trabalhasse com o tema das bonecas nas aulas, a partir do ponto de vista artístico e crítico.

Para dar conta das minhas escolhas, eu dividi o meu Trabalho de Conclusão de Curso em dois capítulos: O primeiro é sobre a história das bonecas articuladas; e o segundo, trata da experiência em sala de aula. O primeiro capítulo, *O corpo da mulher e suas representações*, apresenta a história das bonecas articuladas e as suas representações do corpo feminino desde os vestígios mais antigos encontrados, até as posições que ocupam as bonecas dentro dos museus hoje. No segundo capítulo, apresento a minha experiência em sala de aula. Esse capítulo foi dividido em duas partes: *primeiras impressões sobre a escola*; e *A experiência de ser professora*. Neste capítulo, escrevo sobre a experiência que tive dentro da sala de aula com o projeto elaborado a partir dos meus questionamentos apresentados nesse TCC.

CAPÍTULO I: O CORPO DA MULHER E SUAS REPRESENTAÇÕES

1.1. Bonecas articuladas entre os séculos V a.C. ao XXI

Para Harris (1920), há dois tipos de bonecas: as verdadeiras bonecas infantis e as Olímpias⁴. As bonecas Olímpias são inconfundíveis por sua beleza, suas magníficas roupas e funções. Já a verdadeira boneca infantil, por sua vez, é a que possui algo como se fosse uma alma, que pode ser produzida da mais simples forma, com os materiais mais comuns, mas que encontra significado na brincadeira. As bonecas Olímpias são carentes de imaginação, por nem sempre serem utilizadas por crianças, e as verdadeiras bonecas infantis possuem imaginação sobrando. Guilles Brougère (2004) também separa o brinquedo em duas categorias: o brinquedo criado para ser brinquedo, que é reconhecido como tal pelas lojas, pelos adultos e pelo comércio; e o brinquedo que se torna brinquedo porque está sendo utilizado como tal. Podemos associar aqui os brinquedos que são reconhecidos assim pelas lojas com as “bonecas Olímpias”, citadas por Harris (1920), enquanto que o brinquedo que é brinquedo por estar sendo utilizado como tal, podem ser comparados às “verdadeiras bonecas infantis”. Certamente as bonecas aqui apresentadas neste trabalho são principalmente as Olímpias, criadas para serem brinquedos ou objetos de decoração, muito mais do que as verdadeiras bonecas infantis. Isso se dá principalmente porque as verdadeiras bonecas infantis são muito mais manuseadas e durante muito tempo foram produzidas com materiais menos nobres do que as bonecas Olímpias e, portanto, resistiram muito menos ao tempo, não podendo contar sua história por completo.

As bonecas articuladas são especialmente fascinantes. Produzidas há no mínimo 26 mil anos, segundo registros encontrados⁵, os seus modelos de articulações se mantêm muito presentes ainda nas bonecas de hoje. Após um breve estudo sobre a história das bonecas articuladas, pude perceber que há duas semelhanças fundamentais entre as bonecas da antiguidade e as da atualidade. A primeira são as suas articulações, como já citadas, ainda muito utilizadas até hoje; e a segunda, a sua forma de produção, que no

⁴ "Bonecas Olímpias" traduzido livremente do termo "Olympian dolls", visto em HARRIS (1920)

⁵ Jornal DAILY MAIL. **Face of the 26,000-year-old woman! FIRST EVER portrait of a woman was carved into a tusk of a woolly mammoth (and it's smaller than a thumb)**. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2268241/The-conceptual-art-Ice-Age-British-Museum-compare-ancient-modern-incredible-new-exhibition.html>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

momento é o ponto que mais me interessa.

Após o século V a.C, a grande maioria das bonecas articuladas eram produzidas a partir de moldes em fábricas de terracota, que se assemelha muito com o estilo de fabricação adotada hoje – tanto pelos artesãos quanto por grandes empresas –, porém, com os avanços dos estudos de materiais de trabalho, com a feitura em série, algo similar acontece hoje que também acontecia na antiguidade: eram reproduzidas bonecas praticamente idênticas, exportadas e importadas. Assim, diversas garotas tinham as mesmas bonecas, com o mesmo corpo, da mesma forma que acontece hoje.

1.2. As primeiras “Barbies” do mundo: Pré-História e Idade Antiga

As bonecas articuladas não são uma exclusividade dos nossos dias, a peça mais antiga encontrada do gênero foi produzida há cerca de 26.000 anos atrás⁶. Com momentos de maior ou menor produção, as bonecas continuaram a existir desde a pré-história até nossos dias. Apesar de serem produzidas há tanto tempo, as bonecas foram, em sua grande maioria, destinadas a mulheres, fazendo parte da vida de milhares delas durante muito tempo. A boneca foi, por muito tempo, totalmente ligada ao lar e à maternidade e fez, e até hoje ainda faz, parte da construção da personalidade de muitas meninas. Além disso, as bonecas também refletem costumes de diferentes períodos através de suas roupas, dos objetos que seguravam, de seus modelos de produção e materiais utilizados.

Quando se trata de esculturas pré-históricas, é impossível não lembrar da Vênus de Willendorf⁷, com suas curvas avantajadas, muito diferentes do sinônimo de beleza apreciada hoje pelas grandes mídias. Em grande parte de suas descrições, diz-se que a Vênus de Willendorf é uma escultura que foi produzida para fins religiosos, como rituais de fertilidade, em uma época que ainda acreditava-se que a mulher tinha um poder especial (e único) da criação da vida. A Vênus de Willendorf não foi a única a ser encontrada no período entre 29.000 a.C. e 22.000 a.C., foram encontradas diversas outras “vênus” datadas de um período não muito distante umas das outras: *Venus of Gagarino*; *Venus of Dolni Vestonice* [Figura 1]; *Venus of Lespugue*; *Venus of Laussel*; *Venus of Eliseevichi*; *Venus Impudique*; *Zaraysk Venuses*; *Mal'ta Venuses*; *Venus of Brassempouy*; *Venus of Monpazier*; *Venus of Galgenberg*; *Venus of Hohle Fels*. Todas essas esculturas – datadas entre 33.000 a 14.000 a.C. – possuem grandes curvas; um corpo incomum perto dos padrões que se criaram na história das esculturas de mulheres do Ocidente, e representam algo que poderia ser considerado um padrão de beleza do período para mulheres mais velhas⁸, uma vez que todas estátuas possuem um padrão corporal extremamente parecido.

⁶ Jornal DAILY MAIL. **Face of the 26,000-year-old woman! FIRST EVER portrait of a woman was carved into a tusk of a woolly mammoth (and it's smaller than a thumb)**. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2268241/The-conceptual-art-Ice-Age-British-Museum-compare-ancient-modern-incredible-new-exhibition.html>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

⁷ Vênus de Willendorf é uma das esculturas mais antigas encontradas até hoje, com cerca de 11cm de altura. A escultura foi encontrada na Áustria e é datada entre 2500 a 2000 a.C.

⁸ **The female gaze in Ice Age art**. British Museum, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hv2ssmB_MU>. Acesso em: 22 jun. 2016.

Para a curadora Jill Cook, as esculturas pré-históricas talvez não estivessem de acordo com o “olhar masculino”, onde as mulheres esculpidas necessariamente representariam um padrão de beleza da época, e sim, representariam as diversas fases da vida de uma mulher,⁹ já que há também figuras de mulheres magras representadas nas esculturas produzidas no mesmo período, possivelmente simbolizando as mulheres mais jovens, enquanto outras esculturas poderiam corresponder a mulheres mais velhas, grávidas ou já com filhos. É difícil imaginar uma escultura que não tenha sido produzida a partir de um pensamento do “belo”, principalmente porque as esculturas teriam sido produzidas a partir da noção de beleza de cada época. O fato é que possivelmente as mulheres também teriam construído essas figuras. E mesmo que o motivo que os/as levaram a esculpir as estátuas fosse uma noção de passagem de tempo ou algum ritual de fertilidade, será que o fariam se achassem “feio”? Provavelmente as estátuas apresentavam a beleza presente em todas as fases da vida de uma mulher, a partir do olhar delas próprias.

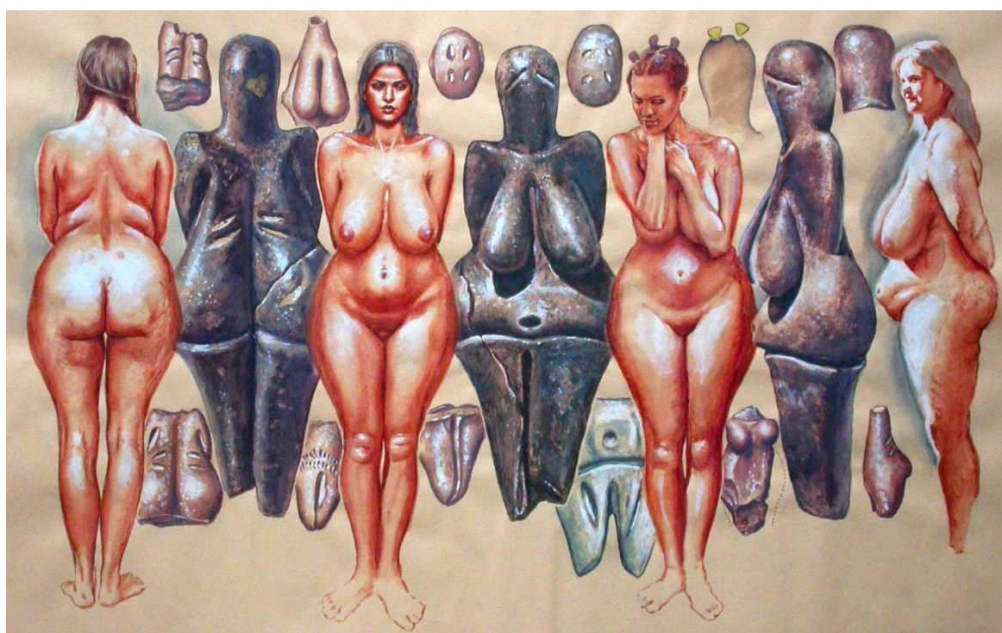


Figura 1. Recriação da Vênus de Dolni Vestonice, pela Academia de Ciências da República Checa¹⁰

⁹ Para ver mais vênus que estão localizadas no British Museum, olhar o vídeo: **The female gaze in Ice Age art**. British Museum, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hv2ssmB_MU>. Acesso em: 22 jun. 2016.

¹⁰ O site Antropark foi criado em 2005 como parte do site da Academia de Ciências da República Checa, localizado em Brno, onde tem reproduções de como seriam as estátuas, ossadas e demais objetos encontrados, de diversas épocas. Para ver mais vênus e demais objetos do mesmo período reconstruídos, acesse: <<http://www.anthropark.wz.cz/venus.htm>>

Da pré-história não sobraram ou simplesmente não existiram figuras femininas articuladas, mas no mesmo sítio onde foi encontrada a Vênus de Dolní Vestonice, foi também encontrada uma estatueta articulada representando um menino, produzida a cerca de 22.000 anos atrás, sendo esta a mais antiga escultura articulada. Grande parte das esculturas produzidas no período paleolítico são consideradas ou descritas como objetos de culto, e geralmente são figuras femininas. Ao contrário disso, a escultura masculina é identificada num primeiro momento como brinquedo, e depois apresentada como possível xamã ou possuínte de algum significado especial, de acordo com a revista Daily Mail¹¹.

Por volta de 3000 a.C a 2000 a.C, no Egito, as bonecas articuladas encontradas possuíam um significado muito mais religioso, sendo poucas das figuras encontradas descritas como brinquedo infantil. As figuras egípcias que continham articulações, possuíam em sua maioria, somente os braços articulados, suas pernas não tinham motivos para apresentarem articulações, já que os trajes egípcios eram longos e cobriam as pernas. Em algumas bonecas encontradas em períodos posteriores, as pernas eram tão irrelevantes para a produção da boneca que eram simplesmente cortadas após o joelho¹².



Figura 2. Bonecas egípcias, 3000-2000 a.C. Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague. Arquivo pessoal.

acesso em 27 de junho de 2016.

¹¹ Jornal DAILY MAIL. **Face of the 26,000-year-old woman! FIRST EVER portrait of a woman was carved into a tusk of a woolly mammoth (and it's smaller than a thumb).** Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2268241/The-conceptual-art-Ice-Age-British-Museum-compare-ancient-modern-incredible-new-exhibition.html>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

¹² ELDERKIN, Kate Mck. Jointed Dolls in Antiquity. American Journal Of Archaeology. N.1., p. 455-455. dez. 1930, p. 457-458.

Na Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague, há uma sala reservada para antiguidades do Egito, e entre elas há dezenas de bonecos com braços articulados. Grande parte desses bonecos foram encontrados em um túmulo em Sakkura, descoberto em 1923 no sul do Cairo moderno. O túmulo pertencia a Gemni-em-hat, “um funcionário de alto escalão de cerca de 1950 a.C.”¹³ Junto com o túmulo havia uma pequena cidade em miniatura, que continha “uma cozinha, uma cervejaria, um celeiro, uma loja de tecelagem, uma oficina de um carpinteiro e uma forja de ferreiro - preenchida com figuras de serventes de trabalho”¹⁴. Além disso, continha também um barco com uma dezena de tripulantes a navegá-lo, e todos com os seus braços devidamente articulados.

Essas bonecas articuladas encontradas em túmulos egípcios são possíveis *Ushbatis*, representações humanas muito usadas nos ritos funerários Egípcios. Por sua crença na vida após a morte, quando um faraó ou um funcionário de alto escalão falecia, sua família e seus escravos eram recriados em miniatura para serem enterrados com eles e ajudarem no pós-vida, evitando assim de ter de matá-los todos juntamente com o falecido, como já havia sido costume¹⁵. Estas figuras eram articuladas, imagino, para melhor representar as funções ou trabalhos braçais, já que todas possuíam em suas mãos um objeto de trabalho e braços articulados, como podemos ver na figura 2.

Apesar de sabermos que o foco dessas figuras articuladas não era a representação de um corpo ideal, como nas figuras gregas que surgiram milênios depois, e sim uma preocupação com o além-vida, não podemos deixar de notar que todas as figuras seguem uma representação padrão: homens e mulheres possuem ombros largos, cintura fina. Nas mulheres não há saliências nos quadris, sendo muito parecidas com os homens, não fossem as demarcações do sexo feminino sob as roupas.

Não há registros de bonecas articuladas entre 2000 anos atrás e o 7º século a.C. A boneca articulada só volta aparecer na história entre 690-750 a.C., e não surge como um brinquedo infantil. A boneca articulada a qual me refiro, foi produzida em Thebes, uma cidade dentro de Boeotia, na Grécia Central, e possui somente suas pernas articuladas. Esta figura encontra-se atualmente no Louvre e é relacionada por muitos à

¹³ Trecho retirado de folhetos informativos encontrados na Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague, Dinamarca, em uma sala destinada somente a artefatos Egípcios no dia 11 de julho de 2016.

¹⁴ Idem.

¹⁵ SOUZA, Fernanda Morais de. **Revirando malas:** entre histórias de bonecas e crianças. Porto Alegre, 2010. P. 28

Artemis, deusa da mitologia grega ligada à vida selvagem e a caça¹⁶. A figura representada, chamada como *Bell Idol* (Figura 3), veste um largo vestido cerâmico, onde debaixo dele saem suas pernas, que estão suspensas por um fio que atravessa horizontalmente a parte debaixo do vestido. Suas pernas são presumivelmente igualmente furadas para assim se encaixarem, ficando equilibradas e soltas nesta linha que atravessa o vestido.



Figura 3. *Bell Idol*, Museu do Louvre. Século VII a.C.

Esse estilo de boneca, encontrada em túmulos de mulheres e crianças, tendo motivos religiosos, serviria como protetora no além-vida. Imagino que um dos principais motivos para não ser considerado um brinquedo infantil, seria o seu tamanho. Com 39,50 cm de altura e sendo produzida de cerâmica, a probabilidade de que uma criança pequena brincasse com ela, é bem baixa.

Seu processo de construção era totalmente artesanal, sem ajuda de quaisquer tipos de moldes, como mostra o texto descritivo, encontrado no site do Louvre:

A técnica usada para moldar a figura ainda pertence ao período Geométrico tardio, a arte da cerâmica. Na verdade, a figura está vestindo um grande vestido, moldado em um torno, e então achatado. A cabeça em cima de um longo pescoço e as protuberâncias que marcam os seios e braços foram, por sua vez, moldados e adicionados ao corpo antes do processo da queima. A decoração e detalhamento adorna a figura e mostra o processo que rege as cerâmicas gregas, onde a cor preta é produzida por processamento durante a queima, para tal, a argila ferruginosa é colocada à pinceladas antes da queima. O modelo é então enriquecido com padrões geométricos semelhantes aos que podemos encontrar uma série de oinochoai: linhas de divisas ou

¹⁶ MATHIEUX, Néguine. **Idole Cloche**. Disponível em: <<http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/idole-cloche>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

pastilhas, triângulos entrelaçados, suásticas ou aves aquáticas. Estes foram os motivos para atribuí-la a uma oficina de oleiro ativos em Thebes (Beócia, Grécia) entre 750 e 690 a.C.¹⁷

Além disso, a figura possui um furo na parte superior da cabeça, muito comum também entre bonecas do século 5º e 4º a.C. Este furo servia para deixar a boneca em suspensão, dando assim outro significado a ela, ficando verdadeiramente móvel. O furo na cabeça também tinha a função de espantar os espíritos, ou afastar o mau olhado das crianças através dos barulhos produzidos¹⁸.

Nos séculos seguintes – século VI a.C. ao século III a.C. – as bonecas começaram a ser produzidas em série. Grande parte delas, encontradas hoje, construídas nesse período, foram produzidas em terracota e confeccionadas através de moldes. Elas mediam entre 13cm e 18cm, e tinham geralmente quatro pontos de articulação; seu tronco era ligado com a cabeça formando uma peça única, enquanto seus membros, braços e pernas, eram presos a esse tronco por um fio que passava pelo interior da boneca.

Durante grande parte do período Grego e do período Romano, bonecas articuladas fizeram muito sucesso entre as crianças, sendo muitas vezes exportadas e importadas entre as cidades. No século V a.C a IV a.C. a produção dessas bonecas foi intensa, sendo encontradas mais de 500 bonecas¹⁹ construídas nesse período, sendo possível encontrar várias cópias em diferentes museus (tanto físicos quanto em catálogos on-line). Apesar de haver relatos sobre a existência de figuras articuladas masculinas²⁰, elas não eram comuns, pois a boneca sempre foi muito associada ao lar e à maternidade, sendo um símbolo da infância feminina, como afirma Michel Manson:

Todos esses brinquedos da primeira infância não eram destinados exclusivamente a um dos sexos. Mas, ao crescerem, as crianças da Antiguidade descobriam outros brinquedos, que lhes permitiam adquirir consciência dos papéis sociais e imitá-los. A diferenciação sexual encontra-se na língua, pois a expressão “idade das bonecas” designava a infância feminina, e a de “idade das nozes”, a masculina; a expressão latina “nuces relinquere”, literalmente “deixar as nozes”, significa, portanto, “abandonar a infância”.²¹

¹⁷ MATHIEUX, Néguine. **Idole Cloche**. Disponível em: <<http://www.louvre.fr/oeuvre-notices/idole-cloche>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

¹⁸ MANSON, Michel, 2002, p. 17-18.

¹⁹ No livro não especifica-se se não bonecas articuladas que foram encontradas. De todo modo, o número de bonecas articuladas encontradas nesse período foi realmente alto comparado com outras épocas.

²⁰ ELDERKIN, Kate McK. 1930. P.455-456

²¹ MANSON, Michel, 2002, p. 21.

Além de a boneca ser um brinquedo infantil, assumia também um segundo significado com o passar dos anos. Na Grécia, antes de se casarem, as meninas ofertavam suas bonecas nos templos – sendo eles geralmente de Artemis e Athenas – “pedindo-lhes amor, casamento e fertilidade”²², enquanto as meninas romanas “ofereciam as suas bonecas a Penates, divindades do lar, quando da puberdade, e não na véspera do casamento”²³. Nos casos onde a menina falecia antes que pudesse se casar, suas bonecas eram enterradas junto com elas, fator que somado às oferendas nos templos, fez com que achássemos muitas delas, hoje, quase intactas.

Em muitos sentidos, as bonecas articuladas produzidas nos séculos V a IV a.C. são muito semelhantes às bonecas articuladas dos nossos dias, começando pelo seu modo de produção, que era quase industrial. As bonecas articuladas do século V a.C. já contavam com o auxílio de moldes para a reprodução, construídos (e as bonecas reproduzidas) dentro das fábricas de terracota. Isso permitia que houvesse diversas bonecas parecidas disponíveis à venda – semelhantes com o que temos hoje. Esses moldes geralmente eram produzidos com uma única peça, e seu modo de produção era simples: pegava-se um pedaço de argila e pressionava-o contra o molde; o que explica o fato de que muitas das bonecas articuladas, e também de estatuetas produzidas no período, terem um péssimo acabamento na parte de trás da peça. Um bom exemplo para ilustrar tal acabamento pouco finalizado é uma boneca que atualmente encontra-se no site do *British Museum* [1886,0401.1407]²⁴. Essa boneca corintiana possui fotos de diversos ângulos e, com eles, podemos ver o acabamento despreocupado que davam às bonecas. Esse tipo de acabamento é muito comum em diversas outras bonecas articuladas do século V a.C., e isso aparece também em outros exemplos delas no site do *British Museum*²⁵. Essas bonecas foram encontradas entre os séculos VI a.C e V a.C., onde, apesar do acabamento ser mais delicado, ainda é reto, dando pouca importância para todos os ângulos da boneca.

Dessas fábricas, as bonecas saíam para a venda, onde os cidadãos poderiam comprá-las para presentear as suas filhas. Além do meio de produção, as bonecas articuladas da antiguidade se pareciam muito com as bonecas de hoje por outros dois motivos: o primeiro, pela temática das bonecas que eram vendidas para as crianças; e o

²² MANSON, Michel. 2002, p. 21

²³ MANSON, Michel. 2002, p. 23

²⁴ Os números apresentados dentro dos colchetes são os números de identificação da peça a qual me refiro.

²⁵ [1864,1007.1310] [1864,1007.1313] [1864,1007.1311]

segundo, pelo padrão corporal existente nas bonecas em ambos os períodos. As bonecas articuladas da antiguidade tinham temas recorrentes presentes nas próprias bonecas. Em sua grande maioria, elas vestiam roupas típicas que representavam as dançarinas do período – túnicas geralmente curtas. Elas carregavam em suas mãos tamborins e/ou castanholas. Essas bonecas podem ser facilmente comparadas com as bonecas-manequins que representam profissões, afinal, o que muda de uma boneca articulada dançarina para uma Barbie articulada estrela do Rock? Além disso, havia estatuetas masculinas, que embora não articuladas, também representavam possíveis profissões, como arqueiros e cavaleiros²⁶, tal como bonecos hoje representam moços aventureiros.



Figura 4. Boneca Grega destinada às crianças, 400 a.C. Metropolitan Museum [44.11.8]

Apesar de todas as bonecas que encontramos hoje parecerem ser das cores de cerâmica, a grande maioria delas foi pintada no começo de sua vida, mas com o passar do tempo, desbotaram. Algo semelhante aconteceu com as esculturas gregas que hoje são somente da cor natural do mármore, mas elas já foram muito coloridas em seu passado²⁷. Diferentemente das esculturas, em algumas bonecas, ainda sobraram alguns vestígios de tintas, como podemos observar em duas das bonecas presentes hoje no

²⁶ HERBERT, Kevin. Terracotta Figurines at Bowdoin College. *The Classical Journal*. p. 98-111. dez. 1959.

²⁷ Reportagem BBC Brasil. **Exposição mostra estátuas gregas em cores originais**. 2007. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/02/070213_grecia_mp.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2016.

*British Museum*²⁸, e uma no *Metropolitan Museum*²⁹(Figura 4), elas têm os cabelos pintados, os padrões dos tecidos, etc. E não somente nisso as esculturas e as bonecas articuladas do período se pareciam: a cultura grega cultuava o corpo, a busca pela beleza física e as proporções perfeitas – que podem ser facilmente percebidas em suas esculturas. Sendo assim, suas bonecas não poderiam ser diferentes. Como as bonecas do século VI ao IV a.C. eram replicadas em grande quantidade, de modo semelhante ao industrial, somando ao seu pequeno tamanho e pouca tecnologia de produção, muitos detalhes eram simplificados; como o rosto, mãos, pés, curvas do corpo, etc. Mesmo com isso, podemos observar um padrão de beleza que seguia sempre presente nas bonecas, que acontece de modo muito parecido nas bonecas manequins hoje – como são os exemplos de bonecas como a Barbie, Susi, Bratz, etc.



Figura 5a. British Museum. Século IV a.C.



Figura 5b. Afrodite de Cnidus. Século IV a.C.

Em meados de 350 a.C. foi produzida em Corinto uma boneca que mais parecia uma escultura fragmentada³⁰ (Figura 5a). Seus braços foram claramente feitos para serem articulados, porém, em suas pernas o corte é reto, e não arredondado como nas

²⁸ [1865,0720.36]; [1864,1007.1307]

²⁹ [44.11.8]

³⁰ Localização: British Museum. [1865,0720.34]

demais, deixando-a com uma aparência mais fluída e com uma nova forma de articular. Com muita perfeição em seus detalhes, esta figura teve o direito de ter tornozelos, joelhos e quadris esculpidos com perfeição anatômica. Havia também cabelos com linhas profundas cravadas, nariz, boca e olhos esculpidos de forma delicada. Este tipo de boneca não aparece com um vestido, como a grande maioria das bonecas do período, apesar de carregar consigo castanholas, como as demais. A boneca articulada em questão possui uma modelagem espetacular perto de diversas outras bonecas, mas podemos perceber os mesmos traços corporais apresentados de forma mais simples em outras bonecas do século IV. O corpo que foi esculpido nesta boneca de forma tão detalhada, e em outras de forma simplificada, é muito presente nas esculturas gregas do mesmo período, mantendo as mesmas características nas duas formas (como brinquedo e como escultura). Se compararmos o corpo da boneca com uma escultura do mesmo século, a Afrodite de Cnidus (Figura 5b), produzida por Praxiteles, em 375-335 a.C., podemos perceber o como as duas peças possuem o mesmo padrão corporal: ambas possuem um corpo magro, seios pequenos e quadril pouco avantajado. O que ocorria no 4º século a.C. ocorre ainda hoje, onde as bonecas articuladas representam um padrão corporal que é considerado belo e ideal no período em que elas vivem.



Figura 6. Boneca Museu Thorvaldsen. Arquivo pessoal.

A partir do final do século IV e início do século III a.C., durante o período Romano, as bonecas mudaram um pouco a aparência que havia predominado durante alguns séculos, ganhando materiais mais nobres na confecção, como exemplo da boneca articulada datada do final do século IV a.C., produzida em pedra, com 4 pontos de articulação, usando um vestido curto já esculpido diretamente no material. Esta boneca atualmente se encontra no *Metropolitan Museum* e pode ser vista em seu *site*³¹. Enquanto as bonecas gregas eram produzidas em fábricas de terracota e, portanto, produzidas em cerâmica, as bonecas romanas eram produzidas de modo ainda mais artesanal, sendo feitas, principalmente, de materiais mais nobres como ossos e marfim.

Essas características prosseguiram até o final do século III d.C, como observamos no exemplo encontrado no Museu Thorvaldsen (Figura 6), em Copenhague. Esse exemplar foi adquirido pelo escultor Bertel Thorvaldsen (1770 –1844), que tinha uma grande coleção de artefatos grego-romanos e, dentre eles, encontrava-se esta boneca.

As bonecas, apesar de serem totalmente ligadas ao lar e ao feminino, não são objetos exclusivos de meninas. São extremamente raros os registros de bonecos articulados masculinos na antiguidade, porém, foram encontrados bonecas nos templos de Apolo e Hermes, onde os meninos dedicavam seus brinquedos aos deuses antes de casar. Então, se meninos brincavam com figuras articuladas essas eram, possivelmente, as bonecas³².

Harris (1920) e Ariès (1981). escrevem sobre a boneca pensado-a como um objeto que possuía algum significado religioso. Tal significado se perdeu conforme o tempo, até as bonecas chegarem nas mãos das crianças, assim como diversos outros brinquedos. Assim, fica difícil definir quando a boneca deixa de ser ritualística para virar um brinquedo, exceto em alguns casos, como as bonecas do século VII a.C., na Boécia, que eram extremamente grandes e pesadas (além de frágeis, pelo material) para serem brinquedos infantis. Já outras bonecas eram evidentemente destinadas a crianças, o que pode ser percebido pelo descuido com que eram produzidas. Sabe-se que era comum que bonecas infantis fossem produzidas com menos cuidado³³. No livro *Le Collezione Bambole* (1993), há uma descrição simples para a definição de quando seria ou não uma boneca infantil: ter um tamanho adequado para uma mão infantil – nesse quesito todas as bonecas gregas se adaptam, medindo sempre de 12cm a 15cm de altura

³¹ [11.212.43]

³² ELDERKIN, Kate McK. 1930, p.455

³³ ELDERKIN (1930)

–, é preciso, além disso, conter articulações óbvias e fáceis de manusear e, ainda, ser um objeto resistente.

Apesar de a boneca articulada ter sido um objeto muito querido entre as crianças e ter vivido bons tempos durante a antiguidade, essa forma apresentada de distinguir o brinquedo infantil do objeto de culto não fez mais sentido durante a Idade Média, período em que as bonecas foram condenadas por serem representações humanas. Assim, neste período, elas praticamente deixaram de existir.

1.3. Tempos obscuros para a boneca: Idade Média

[...] O poder de observação da natureza, a cujo despertar assistimos na Grécia, por volta de 500 a.C, voltou a adormecer por volta de 500 d.C. Os artistas deixaram de cotejar suas fórmulas com a realidade. Não mais se dispunham a fazer descobertas sobre o modo de representar o corpo ou de criar a ilusão de profundidade.[...] ³⁴

Depois de séculos povoados por inúmeras bonecas e diversos outras espécimes de brinquedos infantis, a história ocidental passou por um longo período obscuro para a história dos brinquedos. As bonecas, que possuíam fortes significados para a cultura Grego-Romana, por muitas vezes representando deuses, foram fortemente condenadas e deixaram de ser produzidas durante muitos séculos: as doces bonecas do período Grego-Romano, agora se tornaram objetos que devem ser destruídos, bem como quem as produz.

De acordo com Ernst Gombrich (1993), o Imperador Constantino, no início do século IV d.C., apesar de seu passado envolvimento em outras religiões, estabeleceu a Igreja Cristã como um poder no Estado. Com ela, os locais religiosos deixaram de ser templos para serem basílicas – e por vezes elas foram construídas sobre os templos de deuses gregos, eliminando-os. Os templos se constituíam basicamente de "um pequeno sacrário para a estátua de um deus" ³⁵, enquanto que as basílicas eram como salões reais possuíam um longo espaço e um pequeno altar, para onde as atenções seriam voltadas.

A questão de como decorar essas basílicas foi muito mais difícil e séria, porque a questão da imagem e seu uso na religião surgiu de novo e causou disputas muito violentas. Num ponto quase todos os primeiros cristãos concordavam: não devia haver estátuas na Casa do Senhor. As estátuas pareciam-se demais com aquelas imagens esculpidas de ídolos pagãos que a Bíblia condenava. Colocar uma figura de Deus ou de um de Seus santos no altar parecia inteiramente fora de questão. Pois como os míseros pagãos que tinham se convertido recentemente à nova fé apreenderiam a diferença entre suas antigas crenças e a nova mensagem, se vissem tais estátuas nas igrejas? Poderiam facilmente pensar que uma estátua "representa" realmente Deus, tal como pensavam antes que uma estátua de Fídias representa Zeus. Assim, eram capazes de achar até mais difícil compreender a mensagem do Deus Todo-Poderoso, Invisível e Uno, a cuja semelhança tinham sido feitos.[...] ³⁶

Além da semelhança clara com outras religiões, a proibição das estátuas também foi baseada no livro religioso hoje reservado às religiões Cristãs, que cita diversas vezes

³⁴ GOMBRICH, 1993, p. 83

³⁵ GOMBRICH, 1993, p. 82

³⁶ Idem

a proibição da representação humana, geralmente apresentada pela palavra “ídolo” – como são chamados na Bíblia os deuses pagãos³⁷, e também as esculturas e bonecas, independente dos significados a elas atribuídos³⁸. A proibição da construção dessas figuras representativas, acredito, é uma referência à passagem em que Deus teria construído o homem a partir do barro³⁹ (assim como Deus é referido como “oleiro da vida” diversas vezes), e toda forma escultórica que se assemelhe com a figura humana seria uma afronta a Deus, por querer se igualar a ele. Isso tudo justificava as repressões que se instauraram sobre as bonecas e esculturas.

Mas isso não valia somente para as bonecas, mas também como para qualquer estátua ou representação humana ou animal. No livro Levítico, capítulo 26 da Bíblia – livro sagrado para os cristãos, em qual o Imperador Constantino buscou apoio para suas decisões sobre representações humanas –, é apresentado um texto em primeira pessoa, como sendo a voz de Deus. Nele é dito que quem o seguir, cumprir todos seus mandamentos, guardar os sábados e adorar somente a ele como seu único Deus, terá tudo que precisar para uma boa vida. Porém, caso alguém não o obedeça, terá todo o tipo de pragas, perseguições e desventuras. E dentre essa a série de mandamentos dados por Deus ao seu povo, há um especial somente pra as esculturas: “não fareis para vós ídolos, nem vos levantareis imagem de escultura, nem estátua, nem poreis pedra figurada na vossa terra, para inclinar-vos a ela; porque eu sou o senhor vosso Deus”.⁴⁰ Bem como também há o castigo para quem não a cumprir: “e destruirei os vossos altos, e desfarei as vossas imagens, e lançarei os vossos cadáveres sobre os cadáveres dos vossos deuses; a minha alma se enfadará de vós”.⁴¹

Esses textos apresentados certamente se referiam a algum povo politeísta que produzia estátuas dos seus diversos deuses. Durante muitos períodos de nossa história, grande parte das vezes em que um povo conquistava/dominava outro, era comum destruir ou queimar as cidades, desmanchando seus artefatos religiosos e templos, e

³⁷ Textos extraídos de: **Bíblia Online**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/1cr/26>>. Acesso em: 10 out. 2016.

³⁸ Textos extraídos de: **Bíblia Online**. Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/2>>. Acesso em: 10 out. 2016.

³⁹ Textos extraídos de: **Bíblia Online**. Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>>. Acesso em: 10 out. 2016.

⁴⁰ Textos Extraídos de: **Bíblia Online**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/1v/1>>. Acesso em: 10 out. 2016.

⁴¹ Textos Extraídos de: **Bíblia Online**. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/1v/20>>. Acesso em: 10 out. 2016.

construindo seus próprios sobre eles, o que faz com que se tenha poucos vestígios de civilizações passadas do que poderíamos ter.

Apesar de terem total repúdio contra toda e qualquer forma de representação humana ou animal que fosse tridimensional, a pintura era bem aceita – mas mesmo sendo algo permitido, a pintura tinha suas restrições a ser somente por motivos sacros. Isso só foi aceito porque muitos membros da Igreja não podiam ler ou escrever, e as imagens funcionavam muito bem para que o povo memorizasse as passagens bíblicas.



figura 7. Boneca articulada Egípcia com os braços perdidos.

Porém, mesmo com todas as repressões enfrentadas, a boneca que nos acompanha há pelo menos 26 mil anos não deixou de existir. É bem verdade que grande parte das bonecas foi condenada à fogueira junto com suas criadoras, mas muitas delas ainda eram produzidas às escondidas. Como as bonecas deixaram de ser fabricadas em fábricas e de serem vendidas, o jeito era improvisar. Assim, as suas fabricações passaram a ser caseiras, com materiais pouco resistentes ao tempo, carregando muito

mais significado lúdico do que uma intenção de representar o real (ou o mais próximo disso). Priorizando antes do uso e da durabilidade, o lúdico e a funcionalidade, as bonecas construídas nesse período foram certamente com fins de brincadeiras diárias, e construídas de modo rudimentar, com materiais facilmente disponíveis⁴². Essas bonecas produzidas durante esse período podem ser consideradas como as verdadeiras bonecas infantis, de acordo com a visão de Harris (1920), trazida anteriormente.

No Oriente médio, nos séculos VII e VIII da era cristã, a religião dos maometanos dominava a Mesopotâmia, Egito, África do Norte e Espanha, e era extremamente rigorosa sobre as imagens. Enquanto no Ocidente ainda lhes restavam as pinturas no Oriente Médio, além das esculturas, as pinturas também eram proibidas⁴³. Porém, as bonecas não deixaram de ser reproduzidas. No Egito, as bonecas eram feitas "de pano branco, bem enrolado, e vestidas com o traje de seda preta convencional das mulheres maometanas. Mas eles não lhe davam rosto e, assim, escapavam da acusação da imagem de escultura." ⁴⁴

No Egito foram encontradas espécies de bonecas articuladas datadas entre o século VII d.C. e o século XI d.C. São bonecas de osso, com traços estilizados e muitas vezes simplificados, com olhos que lembram muito as clássicas formas de representação da cultura egípcia, como mostra a Figura 6. Seguindo um padrão presente desde a antiguidade, as bonecas articuladas possuem somente os braços móveis. As pernas possuem geralmente um vão que as separam, mas nunca se apresentam articuladas. Enquanto os gregos se utilizavam de cordas passadas dentro de um furo para dar o movimento nas peças, as bonecas egípcias, desde 2000 a.C. até as bonecas encontradas no século XI d.C. se utilizam de pregos para deixar os braços móveis. Os motivos para a confecção dessas bonecas ainda são incertos, mas há sugestões de que há relação com motivos religiosos⁴⁵.

Somente a partir do século XII, na França, é que começaram a surgir as primeiras esculturas dentro das Igrejas românicas, que continuavam a servir para o mesmo propósito das pinturas: reforçar os ensinamentos cristãos, onde eram normalmente representações masculinas (de santos ou mártires), possuindo sempre um símbolo que identificasse a quem se refere a escultura. Após o século XIII, junto com o

⁴² TOSA, Marco. (1993) p. 11-14.

⁴³ GOMBRICH (2000).

⁴⁴ HARRIS, Muriel. The Doll. The North American Review, v. 212, n. 781, p.809-815, dez. 1920, p. 813.

⁴⁵ AHMED, Alzahraa K. **Figurines in the Mediterranean**. 2012. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/exhibitions/listings/2012/byzantium-and-islam/blog/topical-essays/posts/figurines>>. Acesso em: 10 out. 2016.

surgimento das Igrejas Góticas, as esculturas começaram a ser retratadas com mais realismo, cuidando cada vez mais dos detalhes, buscando retirar a rigidez que possuíam as esculturas no século anterior.

Contudo, por maior que fosse a importância dado ao realismo criado, é preciso frisar que as figuras que estavam dentro das igrejas não tinham uma intenção de representação de belo, como na cultura grega, ou como surgiriam depois, no renascimento, e sim, eram produzidas com intenções religiosas, representando figuras importantes dentro da religião. Na maioria dos casos os corpos eram escondidos por longas túnicas.

Há, certamente, muito mais a se dizer sobre as bonecas articuladas nesse período obscuro da Idade Média, bem como sobre as marionetes, que eram permitidas para contar histórias Bíblicas, principalmente na Itália⁴⁶. Porém, devido às poucas referências que eu consegui encontrar sobre o assunto durante o espaço de tempo destinado à produção deste trabalho de conclusão de curso, encerro aqui este subitem.

⁴⁶ COSTA, Cristiane; HEYMANN, Gisela; ARANHA, Carla. A Magia das Bonecas. Disponível em: <super.abril.com.br/historia/a-magia-das-bonecas>. Acesso em: 28 ago. 2016.

1.4. Idade Moderna e Contemporânea

Graças ao diário do médico do Delfim (futuro rei Luis XVII), consegue-se saber muito sobre a rotina doméstica da alta sociedade que existia no século XVI. Com a ajuda de seus escritos, autores como Michel Manson (2002) e Philippe Ariès (1981) puderam descobrir e escrever sobre a vida doméstica da alta sociedade francesa no século XVI. Além disso, a partir do século XVI-XVII os brinquedos – e também as bonecas –, entraram com tudo nas pinturas e gravuras. E com o auxílio destes dois autores e das pinturas encontradas escrevo parte da história das bonecas.

Até atingir determinada idade (quatro ou cinco anos), meninos e meninas recebiam poucas diferenciações nas roupas, nos cuidados, ou em seus brinquedos no século XVII. Ambos os sexos, quando pequeninos, usavam uma espécie de vestido ou túnica – com pouca ou nenhuma diferença entre os sexos –, sendo esta roupa diferenciada somente após a criança atingir seus quatro ou cinco anos de idade, onde passaria a usar trajes de uma pessoa adulta. O menino tirava a túnica para pôr calças, pois havia se tornado um homem. A menina, portanto, continuava a usar vestidos, e quando os mudava, era para vestidos que se assemelhavam mais com as roupas adultas.

Assim como as roupas não possuíam quase nenhuma diferença na primeira infância, os brinquedos também não o tinham. Portanto, meninos ganhavam – e brincavam – com bonecas, e isso era uma atividade normal, assim como as brincadeiras agressivas ou em grupos. Porém, um pouco depois de mudar os trajes para vestimentas de adulto, aos seus 8 anos, eram retiradas as bonecas dos pequenos meninos, sendo então consideradas como um brinquedo somente feminino.

As bonecas articuladas produzidas nos anos de 1600 que eram utilizadas como brinquedos infantis praticamente não sobreviveram, principalmente por causa de seu uso constante. Segundo Phillippe Ariès (1981), muitas das bonecas do século XVII eram destinadas aos adultos, principalmente a mulheres logo após se casarem, e muitas delas serviam como modelos de moda. Essas bonecas destinadas a adultos da alta sociedade, eram produzidas com materiais mais resistentes, o que permitiu sua sobrevivência até nossos dias. Portanto, parte das bonecas e casas de bonecas (costume muito comum durante os séculos XVI e XVII) que temos conhecimento hoje, sequer chegou perto das mãos de crianças. Podemos ver diversos exemplos de bonecas entre o século XVII até ao século XXI no site do *V&A Museum*, onde há uma coleção específica para brinquedos infantis.

No século XVII as bonecas e bonecos eram produzidos através da mesma forma, mesmo molde, transformando a partir da pintura do rosto, das roupas, cabelos e acessórios. Por esse motivo, muitos dos bonecos encontrados possuíam uma cintura extremamente fina, como é o caso dos bonecos nomeados *Lord e Lady Clapham*, produzidos na Inglaterra em 1690-1700, que se encontram hoje no *V&A Museum*. Os corpos das bonecas do século XVII eram normalmente feitos em tecido, e dessa forma, não haviam muitos detalhes no torso do objeto, como definição dos seios ou formato dos quadris. Com isso, e somado ao fato de bonecos de representações masculinas não serem tão procurados quanto bonecas, fazia com que as empresas que fabricavam essas bonecas preferissem transformar uma boneca em um boneco através de roupas, cabelos e maquiagens, do que fazer um novo modelo de corpo e rosto especificamente para bonecos ⁴⁷.



Figura 8a. Lord Clapham



Figura 8b. Lady Clapham

No acervo do *V&A Museum*, de 8.000 exemplares de bonecas, menos de 1.000 são masculinos⁴⁸, e muitos bonecos existentes na coleção são foram criados a partir de bonecas, acrescentando-se a elas bigodes pintados para parecerem homens. Até por volta de 1960, poucos eram os bonecos masculinos que haviam sido criados com o objetivo de serem representações masculinas, sendo em grande maioria bonecas repintadas para parecerem bonecos.

⁴⁷ V&A Museum of Childhood. **Boy Dolls**. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/moc/collections/boy-dolls/>>. Acesso em: 18 out. 2016.

⁴⁸ Idem.

As figuras 8a⁴⁹ e 8b⁵⁰, que se encontram atualmente no *V&A Museum*, apresentam imagens que tem o mesmo formato de corpo. Essas duas figuras articuladas, denominadas como *Lord Clapham* e *Lady Clapham* foram produzidas para a decoração da casa da família Cockerell, sendo a representação de um casal. Diversas outras bonecas datadas do mesmo período possuem as mesmas características de confecção: membros de madeira e torso de tecido, com o rosto coberto por uma massa branca a fim de imitar o efeito da porcelana.



Figura 9. Lord Clapham e Lady Clapham

Bonecas sempre foram ligadas ao mundo da moda, desde a antiguidade. Isso não mudou durante a Idade Moderna, período em que as bonecas (figura 9) apresentavam “miniaturas perfeitas das modas do final do século XVII”⁵¹. Na segunda metade do século XVIII, algumas delas eram produzidas com papel machê, uma massa feita de papel e, por vezes, com ferragem misturada à massa. Isso deixava baixo o custo de sua produção e, ao mesmo tempo, elas tinham um material de alta resistência. Muitas também eram esculpidas em madeira, cobertas com gesso e pintada, como forma de

⁴⁹ [T.847-1974]

⁵⁰ [T.846-1974]

⁵¹ V&A Museum. **Lord Clapham (Doll)**. Disponível em: <<http://collections.vam.ac.uk/item/O41545/lord-clapham-doll-unknown/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

imitarem porcelana.

Entre os séculos XVII e XVIII era comum o uso de espartilhos, uma peça de roupa feminina usada para afinar a cintura, deixando em maior evidência os quadris das mulheres. Essa moda certamente influenciou na escolha dos corpos produzidos para diversas bonecas do mesmo período. Podemos encontrar pelo menos oito modelos⁵² de bonecas datadas entre 1680 e 1775 no site *V&A Museum* que possuem o mesmo padrão corporal. Além disso, podemos observar o mesmo padrão de bonecas nas pinturas e gravuras entre os séculos XVII e XVIII⁵³. No mesmo site, através das pinturas e gravuras que encontramos com o tema “boneca”, podemos perceber bonecas de diversos tamanhos, incluindo algumas pequenas⁵⁴, que pelo tamanho e maior simplicidade, foram feitas, especialmente, para serem manuseadas por crianças, se diferenciando das bonecas anteriormente apresentadas, destinadas ao público adulto. Mas ainda que houvesse muitas bonecas destinadas aos pequeninos, “os melhores exemplos de bonecas holandesas foram criados para mulheres adultas, particularmente para as mulheres prestes a se casarem”.⁵⁵

Por mais acostumados que estamos com empresas que trabalham especificamente na produção de brinquedos, não foi sempre assim que se deu a confecção dos brinquedos (e das bonecas) infantis. Nas fábricas de terracota do período grego, eram produzidas as bonecas no mesmo lugar que eram produzidas as panelas e os objetos cerâmicos em geral. Anteriormente ao século XIX, a produção das bonecas ficava a cargo de marceneiros, costureiros, que entre seus trabalhos produziam as bonecas. Entretanto isso mudou quando a fabricação de bonecas, brinquedos e bibelôs passaram a ficar a cargo de uma categoria própria, que era especializada na criação de tais objetos, e ficava proibida sua criação por outros artesãos.

Com isso, no século XIX surgiram materiais inovadores na produção de bonecas, como a porcelana polida e o *bisque*. Estes materiais, de alta durabilidade, junto com a fabricação industrial, fez com que diversas bonecas tenham chegado até nós praticamente intactas, favorecendo também o colecionismo das mesmas.

Por volta do início do século XIX até o começo do século XX as indústrias que confeccionavam as bonecas adotaram outro modelo de representação do corpo humano,

⁵² [W.18-1945; MISC.264-1978; T.90 to V-1980; MISC.41-1968; MISC.271-1981; MISC.49&:1 to 3-1963; T.846-1974; T.846M-1974]

⁵³ *British Museum* [1859,0611.186; 1877,1013.513]

⁵⁴ [1838,0509.94; 1859,0611.186; 1862,0208.272; 1904,0819.469]

⁵⁵ FLANAGAN (2009), p. 26

deixando de fazê-las com curvas tão definidas. No século XVII e XVIII os rostos das bonecas não eram realistas, apesar de representarem adultos. Já nos séculos XIX e começo do século XX as bonecas, mesmo as que representavam adultos, tinham rostos semelhantes a bebês. As bonecas desse período eram, de um modo geral, bem parecidas com as bonecas-bebê num todo. Porém, sabemos que não o eram por terem longos cabelos, maquiagem, roupas e sapatos utilizados por adultos.



Figura 10. Bleurette⁵⁶

Na Europa do século XIX, bonecas eram usadas como modo de ensinar às meninas as atividades domésticas. Até aí não há muita novidade, já que só o fato de existir um brinquedo de simulacro humano, destinado às meninas desde os tempos mais remotos, e que possuíam relações com o cuidado, afeto e lar, era uma forma de dizer às meninas o que se esperava delas. Contudo, essa brincadeira foi um pouco além no final do século XIX, onde as crianças tinham que cuidar de suas bonecas como se fossem humanas, fazendo para elas café da manhã, almoço e jantar todos os dias nos mesmos horários, assim como as suas práticas cotidianas de estudar, tomar banho e dormir. Esse

⁵⁶ Bleuettes é uma boneca que foi criada pela empresa SFBJ, que estava disponível somente para leitoras da revista *La Semaine de Suzette*, que tinha, entre outras coisas, diversos moldes de roupas para quem tivesse a boneca. A boneca foi produzida durante 1905 a 1960 . A foto foi retirada do site de uma colecionadora das Bleuettes, disponível em <<http://www.vintagebleuettes.com/>> último acesso: 02 de dezembro de 2016.

mecanismo de controle, porém, não foi forte o suficiente para que as crianças, de fato, o seguissem.

Muriel Harris (1920) em seu artigo “*The doll*”, afirma que leis são feitas e são quebradas, e há algumas leis que são feitas para serem quebradas. Harris diz isso quando se refere aos maometanos, que proibiam a criação de figuras, portanto, de bonecas. Claramente era uma lei a ser quebrada, já que a existência de bonecas são quase uma necessidade. Isso se aplica às garotas do século XIX, que não aceitaram as regras de cuidados das bonecas como verdade absoluta e imutável.

Muitas dessas garotas subverteram a lógica da brincadeira e, ao invés de cuidarem de suas bonecas, as matavam. Muitos pais se aproveitaram dessas situações para ensinar bons comportamentos diante de funerais, colocando roupas de luto na criança e colocando a boneca em um pequeno caixão. Muitos dos criadores de bonecas se aproveitaram dessa condição para criar itens específicos para essa nova moda, que continham um conjunto de roupas normal e um para o pequeno velório. Além disso, muitos escritores também passaram a escrever contos com histórias de mortes de bonecas⁵⁷. Para Brougère (2004), as crianças, ao usarem seus brinquedos, “criam novos significados, validam ou rejeitam os dos fabricantes ou dos pais, e abrem, assim, novas vias para outros brinquedos (p.40)”. Sendo assim, os fabricantes de bonecas se inovaram a partir disso, criando-as com suas histórias, relacionadas aos ritos funerários, buscando se enquadrar nas brincadeiras infantis.

1.5 O Mundo de Plástico e suas mudanças necessárias

Com o padrão das bonecas do século XIX, não é à toa que a Barbie caiu no gosto do público infantil de forma rápida: uma boneca atraente, com rosto jovem, e que se poderia trocar suas roupas de moda. A boneca Barbie foi criada em 1959, inspirada na boneca Lili, símbolo sexual da época⁵⁸.

Ruth Handler, inventora da boneca Barbie, teve a ideia de criar uma boneca que tivesse muitos acessórios e roupas para mudar, diferentemente das bonecas que existiam no século XX. As bonecas adolescentes do mesmo período começaram a surgir alguns anos antes, por volta de 1940 a 1950, porém, eram jovens muito conservadoras. Enquanto a maioria das bonecas tinha um corpo de pano e rostos que lembravam

⁵⁷ FLANAGAN (2009)

⁵⁸ V&A Museum. **Barbie**. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/moc/collections/barbie/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

peessoas com cerca de 40 anos, a boneca Barbie foi criada com um rosto e corpo juvenil, vestindo roupas juvenis, o que a deixava extremamente atraente para as crianças.

Apesar de seus trinta centímetros de altura, se todos os 600 milhões de Barbies já fabricados dessem as mãos, dariam quatro voltas e meia ao redor da Terra. A cada 2 segundos, uma é vendida em alguma parte do planeta. Aqui, o sucesso da Barbie é tanto, que o Brasil é o quarto maior consumidor da boneca, atrás dos Estados Unidos, Itália e França.⁵⁹

Grande parte das bonecas produzidas durante a metade do século XX podiam ser conservadoras, mas antes de surgir a Barbie já existia uma boneca com as exatas características que Handler imaginava ao produzir sua própria boneca de plástico, com roupas removíveis e um rosto/corpo jovem. Seu nome era Sindy, e foi produzida somente 7 anos antes da Barbie, por uma Companhia Estadunidense. Portanto, a Barbie não foi uma boneca inovadora, somente caiu no gosto do público de forma mais rápida e intensa do que aconteceu com Sindy. Sindy, além de ter como objetivo da brincadeira o ato de trocar de roupas, também contava com casas, carros e diversos objetos de consumo especialmente produzidos para a boneca. A companhia *Hasbro*, atualmente uma das maiores companhias no ramo dos brinquedos, comprou os direitos da *Pedigree Doll Company* na época, quando fecharam. Sindy e Barbie se tornaram concorrentes durante os anos de 1990, mas hoje a Barbie continua sendo a boneca mais conhecida do mundo.

A Barbie fez muito sucesso em sua época, mas isso não quer dizer que não houvessem críticas direcionadas a ela. Muitas das mães se negavam a comprar essas bonecas para suas filhas, já que elas possuíam um corpo extremamente sexualizado e diferente do que quaisquer umas daquelas meninas teriam e também diferente de si mesmas. Alvo de críticas e de elogios, a Barbie seguiu seu curso e hoje é a boneca mais famosa do mundo.

Brougère (2004) em seu livro *Brinquedos e Companhia*, apresenta uma explicação técnica para a Barbie ter uma cintura de vespa, que foi alvo de muitas críticas durante décadas:

Logo, a famosa cintura de vespa não é um fim em si. A cintura é muito reduzida por uma simples razão técnica: a boneca foi feita para ser vestida. Se ela fosse reduzida à oitava parte de uma jovem, usaria um tecido de verdade cuja espessura não seria reduzida proporcionalmente. Consequentemente, para que as proporções da boneca vestida estivessem de acordo com a silhueta, era preciso exagerar na redução da cintura.⁶⁰

⁵⁹ COSTA, Cristiane; HEYMANN, Gisela; ARANHA, Carla. **A Magia das Bonecas**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/a-magia-das-bonecas/>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

⁶⁰ BROUGÈRE (2004). P. 102

Contudo, a nova linha de bonecas da Barbie em 2016 surgiu com 4 novos tipos de corpos, que incluem corpos mais realistas, e todas essas bonecas possuem roupas para seus exatos tamanhos, sem que fique “estranho” no corpo. Com isso, podemos pensar que: ou a tecnologia têxtil avançou a determinado ponto em que não faz mais diferença o tamanho da roupa, ou simplesmente não era do interesse da criadora da Barbie que ela tivesse uma cintura mais larga no momento de sua criação. Claramente a Barbie só mudou sua cintura de vespa quando começou a perceber que uma mudança no corpo da Barbie seria necessária para que vendessem mais exemplares da boneca. Houve, em momentos posteriores ao surgimento da Barbie, tentativas de criações de outras bonecas, opostas à estrutura corporal da Barbie.



Figura 11. Coleção Barbie 2016

No episódio *Lisa vs Malibu Stacy*, lançado em 1994, dos Simpsons⁶¹, Lisa Simpson, que sempre comprou bonecas da marca *Malibu Stacy*, compra sua última versão, que tem mecanismo de fala acionado por uma corda. Ao brincar com a boneca, percebe que as frases que *Malibu Stacy* diz não a agradam, por serem frases que reforçam estereótipos errôneos da feminilidade, especialmente focados na aparência e em agradar os garotos. Com medo de que as futuras gerações de meninas crescessem achando normal frases como “*Não me pergunte, sou só uma garota*” e “*Vamos fazer compras?*”, Lisa resolve ir até a criadora da *Malibu Stacy*, que tinha perdido os direitos

⁶¹ LISA VS MALIBU STACY. Direção de Jeff Lynch. Roteiro: Bill Oakley, Josh Weinstein. [s.i.]: 1994. Série Ep. 14, 5ª temporada.

autorais de sua própria criação, onde juntas, planejam uma nova boneca: Lisa Coração de Leão. Essa boneca continha frases encorajadoras para as meninas, além de uma aparência e roupas menos sexualizadas. Apesar de inicialmente ter se tornado conhecida, foi deixada de lado depois do lançamento da nova *Malibu Stacy* com seu novo chapéu.

Semelhante ao episódio dos *Simpsons*, uma série de empresas tentaram produzir bonecas que possuísem corpos menos sexualizados do que a Barbie, mas nenhuma delas conseguiu continuar no mercado por muito tempo. *Malibu Stacy* certamente é uma versão da Barbie na visão do diretor Jeffrey Lynch. Não me aprofundarei nesse assunto durante esse trabalho, mas citarei brevemente aqui algumas das tentativas de se opor à Barbie que foram produzidas desde sua criação, uma coleção de bonecas com as mesmas intenções da criação da boneca “Lisa Coração de Leão” que foram criadas entre 1991 e 2015.



Figura 12. Boneca Lammily

Uma das primeiras tentativas de se opor à Barbie por mim encontrada foi a boneca chamada *Happy to be me* (1991), criada pela empresa *High Self-Esteem Toys Corp*, que tinham um padrão corporal um pouco mais real, mas ainda assim não deixando de ser magra. Outro exemplo é o caso das *Mixis*, bonecas de raças mistas

criada no Canadá, em 2005, que possuíam uma ideia praticamente idêntica a que a *Mattel* produziu exatos 10 anos depois, em 2015, desenvolvendo uma coleção de bonecas com diversas etnias.

Uma das mais recentes tentativas de reformulação do corpo da Barbie foi criada por Nickolay Lamm, em 2014, que fez um projeto e conseguiu realizá-lo graças a uma plataforma de financiamento coletivo. A boneca possui as medidas de uma adolescente típica de 19 anos e roupas que as adolescentes geralmente usam como: calção, camiseta, casaco jeans e tênis; também tendo outras opções de roupas, como blusas de lã. A boneca foi nomeada como Lammily, e pretende ser a mais parecida com a realidade da criança, tendo adesivos que podem ser colados na boneca representando espinhas, estrias, machucados, etc. No Brasil, essas bonecas não chegaram às prateleiras, por não serem produzidas em escala tão grande que pudesse abarcar tantos países, e também provavelmente não foram tão bem aceitas por questões econômicas, já que a boneca Barbie, por ser feita em tão grande escala, pode ser vendida com preços extremamente inferiores em comparação com as suas concorrentes. E apesar das inúmeras tentativas de criar uma boneca com um corpo voltado ao real, somente quando a Barbie mudou, em 2016, é que encheram prateleiras dos mercados com bonecas de todos os tipos de corpos. Ainda assim, poderíamos apontar a problemática de que todas as bonecas produzidas com o intuito de representarem corpos mais realistas, focaram em um padrão de pessoas saudáveis e magras.

Mesmo sendo o corpo da boneca Barbie um padrão irreal de beleza e ser uma boneca que incentiva o consumismo (pelo menos durante o momento da brincadeira) com suas diversas opções de roupas, carros, casas e demais objetos para comprar para que o mundo da Barbie se torne completo, isso não se torna uma regra na hora da brincadeira infantil. Segundo Gilles Brougère (2004), as crianças nem sempre seguem o modelo de brincadeira esperado pelos fabricantes. Brougère fez uma pesquisa com crianças e diferentes bonecos em que, ao brincarem (tanto sozinhas quanto com outras crianças), os personagens ali representados tornam-se outros, de acordo com a necessidade da criança no momento da brincadeira.

Esse tipo de mudança de personalidade do personagem durante o momento lúdico, que Brougère apresenta através de pesquisas em seu livro *Brinquedos e Companhia*, remete à certa subversão do modelo de brincadeira implicitamente proposto pelos fabricantes. Um exemplo disso é o fato de muitas meninas enquanto crianças usarem o personagem Max Steel como namorado da Barbie durante suas

brincadeiras. Max Steel é um boneco de ação destinado ao público masculino. Ele possui diversas armas e objetos de guerra, sempre ligado à aventura; enquanto a Barbie é uma personagem destinada ao público feminino, com uma personalidade consumista, e possui diversos modelos de roupas, sapatos, carros e até um cavalo branco para passeio. As propagandas da boneca têm como cenário principal os shoppings, salões de beleza e o lar. Esses dois personagens, tão distantes um do outro, juntam-se na mesma brincadeira, para criarem histórias que não pertencem nem a um mundo, nem ao outro.

Para Mary Flanagan (1920), esse tipo de subversão da brincadeira infantil ou adulta, pode ser definido por seu conceito de *Critical Play*. *Critical Play* é o ato de subverter a brincadeira e seus usos ao qual são destinados, como o caso citado acima. Flanagan (1920) separa a *Critical Play* em três formas: *unplaying*, *re-dressing* ou *reskinning*, e *rewriting*. Se reutilizarmos os exemplos já trazidos aqui, que se encontram no livro de Flanagan, das meninas francesas do século XIX que matavam suas bonecas, seria enquadrado em *unplaying*, assim como o exemplo trazido por mim das meninas que utilizam o Ken nas brincadeiras da Barbie. Ainda outro exemplo do que se enquadra em *unplaying* é o caso de artistas, como a Lia Menna Barreto, que serão descritos adiante com maiores detalhes. O fato de fazerem um funeral e roupas especializadas para o funeral das bonecas é enquadrado em *re-dressing* ou *reskinning*, por estarem adaptando também de forma visual, e a partir do ponto que passam a reescrever as histórias indo de encontro com os objetivos esperados pelos criadores das bonecas, encaixa-se em *rewriting*.

1.5.1 Mudanças Necessárias

Apesar da Mattel não parecer ter se importado com a representatividade de diferentes tipos de corpos durante muito tempo, em 2016 foi lançada uma nova linha de bonecas, que incluem quatro tipos de corpos diferentes, 22 novas cores de olhos, 22 estilos de cabelos, e 14 diferentes formatos de rosto. Do mesmo modo que os fabricantes do século XIX se adaptaram às brincadeiras das crianças criando roupas especiais para ritos funerários da boneca, a empresa Mattel criou novos estilos de corpo de bonecas para se adaptar a seu público.

Segundo Brougère (2004), a Barbie é um espelho deformante da sociedade, refletindo, de modo um pouco turvo, o que a sociedade espera das garotas, estética e comportamentalmente. Ela é um espelho deformante, principalmente porque reflete o que a sociedade pensa, e não o que ela verdadeiramente é. Por exemplo, as bonecas

Barbie eram em maior parte magras, loiras, ricas e consumistas. O fato de a empresa Mattel ter reproduzido durante 57 anos o mesmo padrão corporal e de terem mudado esse padrão depois de tanto tempo, é reflexo de uma mudança de pensamento que vem acontecendo. A criação das bonecas com diversas etnias em 2015 e os novos modelos de corpos criados em 2016 pela Mattel são, possivelmente, decorrentes de insatisfação dos clientes. Ou seria uma baixa de vendas, ou uma estratégia de marketing que se utilizou de questões amplamente discutidas nos últimos anos, como a representatividade na mídia e nos brinquedos. Porém, ainda assim, indicam uma mudança do pensamento da sociedade em relação às bonecas, mesmo que os corpos criados pela empresa não represente a sociedade como ela realmente seja, sendo deixado de fora muitos padrões corporais existentes.

1.6. As bonecas dentro do Museu



Figura 13a. Adam, Dürer (1507), Museo Del Prado



Figura 13b. Boneco articulado de 1525, Museo Del Prado

Como podemos ver até aqui, as bonecas nem sempre foram relacionadas ao mundo infantil. Durante muito tempo, fizeram parte do mundo adulto, sendo associadas em algumas épocas a usos religiosos e em outras a usos apenas decorativos. O que pouco é comentado, é que bonecas articuladas também fizeram parte do mundo da arte, sendo usadas para estudos de anatomia ou como matéria prima para a produção dos trabalhos. Neste subitem, irei listar de forma breve os principais artistas que trabalharam com bonecas articuladas ao longo da história.

Bonecas articuladas da Pré-História e Antiguidade, por exemplo, entram no campo da arte por serem manifestações estéticas ou comunicativas que possuem elementos considerados do campo artístico, como a escultura e a pintura. Portanto, elas fazem parte da história da arte por seu valor cultural e estético, como é o caso das bonecas articuladas da Antiguidade, expostas com diversos utilitários decorados criados na cultura Greco-romana. Portanto, não tratarei neste subitem dessas bonecas que,

apesar de poderem ser consideradas arte por estarem dentro dos museus, não foram criadas com o objetivo de serem considerados objetos artísticos dentro da visão ocidental do que é Arte, nem criadas por artistas que são reconhecidos como tal.

Antes das figuras articuladas se tornarem matéria prima para a produção de diversos artistas, elas serviam como modelo de anatomia. Um exemplo do século XVI que se encontra nos *Museo Del Prado* nos mostra um manequim que foi atribuído ao pintor Albert Dürer, que possivelmente utilizava o manequim para auxiliá-lo em seus desenhos e pinturas. Com dedos das mãos e pés articulados, com uma mandíbula articulada, o manequim possui ao todo 54 pontos de articulação com um sistema de articulações extremamente avançado para 1525, data que foi atribuída à obra. E isso tudo com apenas 28 cm de altura. Suas numerosas articulações são devidamente encaixadas por um fio interno, produzido com tripas de animais, em uma era pré-elástico. Assim, o fio se estende dos pés até a cabeça, e de modo igual nos braços, do pulso até a cabeça, que, esticados, mantém uma tensão entre as partes do manequim, podendo colocá-lo em diversas posições.

Manequins semelhantes ao apresentado eram muito utilizados como modelo nos ateliês dos artistas centro-europeus⁶², e inspiraram outros artistas, como o fotógrafo e escultor surrealista Hans Bellmer (1902 – 1975), na construção de figuras articuladas. Bellmer viveu durante muito tempo na Alemanha, na época da Segunda Guerra Mundial, que teve extrema influência na criação de seus trabalhos, que possui relação com mutilação e violência.

Para Bellmer, o fato de suas bonecas serem articuladas era de grande importância na construção de seu trabalho. Tanto para suas fotografias, como em sua pesquisa pessoal. Em seu trabalho fotográfico *La Pouppeé*, Bellmer usa uma boneca articulada praticamente em tamanho real, que ele esculpiu com diversos materiais (como madeira, gesso e resina). Já para as articulações, o artista se inspirou em bonecas articuladas de madeira presentes no *Kaiser Friedrich Museum*, que eram semelhantes ao boneco articulado mostrado aqui anteriormente. Como a boneca é articulada, Bellmer desmembra e remonta o corpo por ele esculpido. Em seu livro *The Doll* (2005), ele aprofunda a sua pesquisa sobre a *junta universal*, que é como o autor se refere a junta esférica, capaz de girar para todos os lados. Bellmer (2005) estudou sobre a *junta esférica* (ou *junta universal*) considerando como *junta universal* desde a bolinha que

62 **Maniquí articulado.** disponível em: <<https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/maniqui-articulado/716c3c80-5076-4f09-a730-df5bd7de9c81>>. acesso em: 25 out. 2016.

gira na ponta de uma caneta esferográfica, em maquinários de maior porte, e em bonecas, como a boneca criada por ele, e as bonecas que inspiraram a criação desta.



Figura 14. The Doll, Hans Bellmer (1936).

A partir dos anos 90, no Japão, o mesmo tipo de articulação utilizada pelos pintores do século XVI, por Hans Bellmer em 1930 e Simon Yotsuya em 1970, e as bonecas da empresa SFBJ em 1905, ganhou um nome, começando a ser chamado de BJD (*Ball Jointed Dolls*). Essa denominação surgiu pela companhia Volks, que começou a produzir bonecas específicas para o público adulto, criadas em resina de poliuretano, com juntas esféricas (tais quais as outras bonecas recém-citadas) e com elásticos internos. Essas bonecas ganharam o mundo, tendo atualmente três empresas brasileiras que produzem BJDs em resina de poliuretano. As BJDs são em sua maioria vendidas sem a pintura facial ou corporal, sem roupas, acessórios ou perucas. Algumas empresas oferecem essas opções, que precisam ser pedidas à parte. Em sua grande maioria, os colecionadores criam histórias para seus personagens, e os pintam, produzem ou compram roupas e acessórios para deixar parecidos com suas criações. Por isso, muitas vezes as BJDs são definidas como objetos de arte por seus colecionadores. Para além de seus colecionadores, muitos artistas já utilizaram o sistema de articulações das *Ball Jointed Dolls* como objeto artístico, como é o caso da Marina Bychkova, que produz bonecas únicas em porcelana, geralmente com temas fortes como direitos das

mulheres, amor e violência, ou então trabalha com a representação de fortes figuras femininas.⁶³

Assim como há artistas que construíram e constroem suas próprias bonecas, há outros como Lia Menna Barreto (1959), Jon Beinart (S.I.) e Farnese de Andrade (1926) que se apropriaram de bonecas articuladas já existentes e produzidas em escalas industriais para a construção de seus trabalhos artísticos. Lia Menna Barreto utiliza simulacros de plástico e borracha, produzidos industrialmente, para a produção de suas obras. Em seus trabalhos, Lia Barreto queima, deforma, inverte, corta esses brinquedos para transformá-los em outro objeto, que não mais o brinquedo infantil, com seus significados destinados a este público. O trabalho de Lia “promove uma operação de deslocamento de significado e de transformação das relações habituais que são estabelecidas com os objetos.”⁶⁴ Esse deslocamento de significado produzido por Lia Barreto durante a construção de seus trabalhos, remete-nos novamente ao conceito de *Critical Play*, de Mary Flanagan.

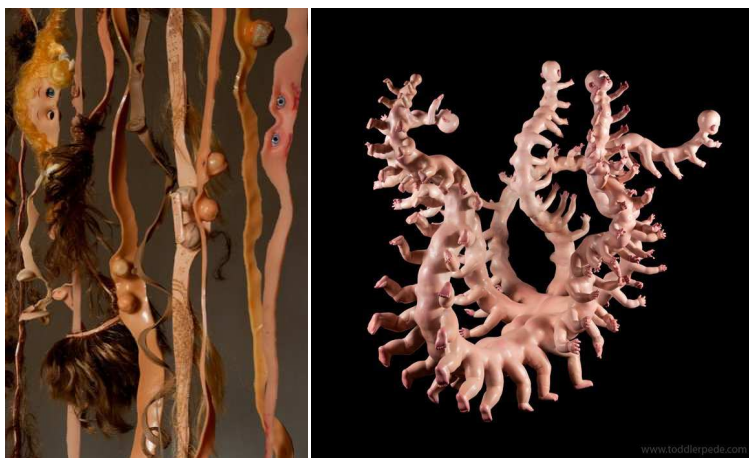


Figura 15a. *Pele de boneca*, Lia Menna Barreto (2009) Figura 15b. , Jon Beinart

Em seu trabalho *Pele de Boneca*, exposto no ateliê Subterrânea em 2009, Lia Menna Barreto corta cabeças de bonecas, formando tiras compridas com seus rostos, que são penduradas formando uma cortina de peles de bonecas. Com essa ação, Barreto inverte o objetivo primordial da brincadeira de boneca: os objetos que foram produzidos para que a criança expressasse cuidado e amor, são utilizados pela artista para cortar e serem transformados em uma cortina de peles. Apesar de soar um pouco cruel ou

⁶³ Para saber mais sobre Ball Jointed Dolls e artistas que trabalharam com elas, ver: MACÁRIO, Aline. **Ball-Jointed Dolls: Uma forma de Arte**. 2011. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

⁶⁴ **Lia Menna Barreto**. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10795/lia-menna-barreto>>. Acesso em: 25 out. 2016.

perverso, como foi descrito por alguns críticos, Lia Barreto não produz suas obras com essa intenção. Em uma entrevista apresentada no livro *A palavra está com elas* (2014), Barreto fala um pouco sobre apesar de entender o motivo que levam a pensar deste modo, não vê maldade na construção de suas obras. Para ela, não há perversidade em seu ato de queimar ou destruir uma boneca, pois é só um objeto de plástico, um material como outro qualquer e que ela está experimentando. E a artista ainda diz que essas bonecas que vem de fábrica são todas iguais, mas se você derrete ou as destrói, ficam diferentes umas das outras. Assim, ela sustenta que não há maldade em suas ações, apenas aquela curiosidade infantil de ver como se comporta o material ao desmontá-lo⁶⁵.

Diferentemente da Lia Menna Barreto, Jon Beinart tem em seu trabalho um foco muito maior na questão estética da boneca. Em seu site⁶⁶, podemos observar diversos desenhos que eram produzidos anteriormente a suas esculturas, onde há diversos desenhos que são formados a partir de várias figuras de corpo humano. Seguindo a mesma linha, em 2011, Beinart criou uma série de esculturas em que as chama de *Toddlerpede*. Essas esculturas são criadas a partir de diversas bonecas-bebê, que são cortadas e reencaixadas até formarem outra figura, que lembra uma centopeia, por seus inúmeros braços e pernas e seu corpo esguio. Beinart, diferentemente de Lia Menna Barreto, certamente foca muito mais no resultado estético do objeto do que no ato da construção dele, utilizando a boneca como um meio para chegar ao resultado almejado.

Além dos dois artistas apresentados e suas formas de trabalhar com a boneca, há ainda uma enorme diversidade de maneiras que já foram trabalhadas com bonecas articuladas industriais na produção de trabalhos artísticos. Um artista que trabalha de modo diferente de ambos artistas apresentados, é Farnese de Andrade, que a partir de 1964, começa a criar objetos a partir de diversos objetos por ele coletados nas praias e aterros, incluindo cabeças e corpos de bonecas, figuras de gesso, entre outras, que são modificadas e então reposicionadas juntamente com redomas. Grande parte de seu trabalho tem como referência as mutilações de grandes guerras e suas consequências, apresentadas através da mutilação de bonecos, além de interferências nos mesmos,

⁶⁵ MAUS, Lilian (Org.). *A palavra está com elas*: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais. Porto Alegre: Panorâma Crítico, 2014. pág. 16.

⁶⁶ Portfólio **Jon Beinart**. Disponível em: <<http://jonbeinart.com/>>. Acesso em: 28 out. 2016.

como por exemplo, com fogo⁶⁷. Além disso, Farnese de Andrade utiliza-se de temas autobiográficos na realização de suas obras, que remete a uma ideia de passado.

Para além das obras expostas nos museus, a boneca também está presente na literatura, como é o caso do livro *The Doll's House*, do escritor norueguês Henrik Ibsen, escrito em 1879. Nessa peça de teatro, Ibsen trás a boneca como uma metáfora, onde conta a história de uma dona de casa, Nora, que busca conquistar sua liberdade, por ter sempre sido tratada como uma criança por seu pai e por seu marido, Helmer, tendo tão pouca ação própria quanto uma boneca dentro de uma casa de bonecas. Ao fim da peça, Nora resolve deixar a casa, o marido e os filhos, para viver sua vida sem ser controlada. Essa peça de teatro causou polêmica quando foi lançada, sendo proibida em diversos lugares, e em outros, tendo que alterar o texto, fazendo com que Nora voltasse a sua casa ao fim da apresentação, se reconciliando com seu marido e vivendo “felizes para sempre”.

A quantidade de referências que podem ser citadas sobre bonecas utilizadas no mundo da arte são inúmeras, e poder-se-ia ainda incluir o cinema e a literatura de maneira mais significativa, cada qual com diferentes técnicas, formas e ideias. Porém, não cabe aqui uma longa pesquisa sobre o assunto, e sim uma breve apresentação dos principais artistas que estudei, já que os utilizei para planejar as minhas aulas dentro do período de estágio, que será descrito com mais detalhes a seguir.

⁶⁷ **Farnese de Andrade.** Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9245/farnese-de-andrade>>. Acesso em: 28 out. 2016.

CAPÍTULO II: DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

2.1. Primeiras impressões sobre a escola

O estágio obrigatório para a conclusão do curso foi realizado no Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha, conhecido informalmente como Instituto de Educação, que se localiza na região central de Porto Alegre. O fato de ser uma escola situada na região central faz com que muitos alunos de bairros próximos ao centro (porém distantes entre si) estudem ali, tornando as turmas extremamente heterogêneas. Alguns estudam ali pela localização, muitos pelo nome que o Instituto carrega, como sendo uma escola de qualidade.

O colégio tem passado por diversas mudanças, e a mais importante delas foi o fato da escola ter mudado de prédio durante o ano letivo. Entraram em férias em uma localidade, e logo que voltaram das férias de inverno, as aulas começaram em outro prédio, bem mais afastado do centro. Apesar de ser um prédio antigo e muito bonito, as salas de aula eram decadentes por dentro, e para que se conseguisse arrumar tudo o que fosse necessário, a escola precisou mudar de prédio temporariamente, para onde havia a antiga escola Roque Calage, que possui um número menor de salas – e salas bem menores.

A mudança de prédio durante o ano letivo trouxe consigo algumas alterações, tais como: a dificuldade de locomoção de diversos alunos, já que saíram da região central – onde havia um fácil acesso e diversos ônibus que passam na frente. Por ser um local mais afastado, o novo prédio não possui paradas de ônibus na frente. As salas de aula também diminuíram de tamanho e de quantidade. As anteriores salas de Artes e de outras disciplinas, bem como as quadras para a Educação Física, não mais existem. Com essas mudanças, entrei no segundo semestre sem conhecer a estrutura física do colégio, o que me impediu planejamentos prévios de espaços que não fossem a sala de aula.

2.2. Professora e pesquisadora

Dois anos antes de escrever este TCC, o meu interesse por bonecas já estava começando a se desenvolver. Nessa época do curso eu ainda não tinha lido nenhum autor que escrevesse sobre o tema “boneca”, e minhas maiores fontes eram as pesquisas pelas imagens nos sites de museus. Portanto, eu tinha somente uma cronologia visual da história das bonecas. Nesse momento eu estava cursando a disciplina de Ensino e Identidade Docente, ministrada pela professora Marie Jane Soares na FACED⁶⁸, onde um dos trabalhos da disciplina era planejar três aulas e aplicá-las em alguma escola. Fiz essas aulas sobre bonecas, já que havia começado a me interessar mais profundamente no assunto. Contudo, sem uma pesquisa teórica maior, e uma grande falta de experiência dentro de sala de aula, acabei usando como suporte as críticas já esperadas relacionadas ao mundo da Barbie para discutir estereótipos de gênero. Porém, tal discussão ocorreu pouca ligada ao mundo da arte ou ao fazer artístico. Com isso, passei a, cada vez mais, me aprofundar no assunto, conhecendo autores que tratavam sobre a boneca e sua inserção na história, até chegar nesta pesquisa, realizada para a conclusão do curso de graduação.

Enquanto pensava sobre o que seria o meu Projeto de Ensino, percebi que não poderia deixar de lado todo o tempo de pesquisa que tive, principalmente, durante esse ano. Assim, decidi levá-la para a sala de aula comigo, agora, com uma bagagem e um preparo maior. Durante as observações na escola, feitas no primeiro semestre de 2016, procurei absorver ao máximo o que os alunos traziam como bagagem (músicas, filmes, assuntos) enquanto relacionava com os assuntos por mim estudados durante o curso e, principalmente, durante esse ano. A partir disso, esbocei um Projeto de ensino que tratasse sobre as mudanças do que era considerado “bonito” em diferentes épocas, baseando-me também no que estudei durante esse ano. Com isso, surgiu o primeiro título do Projeto de Ensino: **A representação do corpo humano na história da arte e suas articulações nos espaços escolares.**

A princípio, imaginava que deixaria as bonecas em segundo plano, sendo somente um assunto a ser abordado ao fim do Projeto. Porém, ao trazer em uma das primeiras aulas o assunto, passei a abordá-lo de maneira mais significativa. Com ambas as turmas, a história das bonecas articuladas que permaneço estudando, entraram na sala de aula. Eu a levei como objeto histórico e também artístico, com potencial crítico e

⁶⁸ Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

questionador. Para tal, em todas as aulas eu procurava fazer perguntas provocadoras aos alunos a respeito do que foi trabalhado/estudado. A partir dessa mudança de foco na construção do Projeto de Ensino, mudei o nome para adaptá-lo, ficando com o seguinte título: **As bonecas, o corpo humano, e suas possibilidades no ensino de Artes Visuais.**

Em meu projeto de ensino, o objeto que trabalharia com os alunos, já fez parte do cotidiano deles quando eram crianças e, muitas vezes, ainda faz, mesmo que nas prateleiras. E fez ou faz tanto parte do cotidiano quanto os celulares fazem hoje. E justamente por trabalhar com um objeto tão cotidiano, diversas questões surgiram ao escrever o projeto. Questões que podem ser resumidas com as palavras de Alice Fátima Martins (2009), em seu artigo *Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada...*, ao falar sobre a educação em artes visuais no meio das diversas informações que somos submetidos hoje:

Nesse cenário múltiplo que se desenha, cabe perguntarmos em que espaços as questões relativas à interação com essas imagens que trespassam nossos cotidianos devem ser pensadas? Que espaços se adequam laboratorialmente às experimentações possíveis, a partir desses fluxos imagéticos, tendo em vista as diversidades de técnicas, recursos, materiais e conceitos? Qual o papel da educação escolar nesse contexto? Quais relações desses temas com o ensino de artes visuais? (p.102)

Após ter decidido trabalhar o tema bonecas dentro da escola, fui pesquisar sobre quem havia já trabalhado tal tema. A maioria⁶⁹ das relações entre boneca e escola que pude encontrar dentro do LUME⁷⁰ se deu através da pedagogia. Com isso, encontrei em minhas buscas alguns trabalhos acadêmicos sobre bonecas dentro da sala de aula no ensino infantil. Um destes trabalhos por mim encontrados foi a tese de Circe Mara Marques (2013), *Experiência com bonecas anormais no curso de pedagogia: construindo modos de ser professora*, que tinha por objetivo "pesquisar e analisar os modos de subjetivação das estudantes de Pedagogia durante as práticas pedagógicas com bonecas com características tidas como anormais e a forma como elas operaram com esses brinquedos em suas práticas de estágio curricular".⁷¹ Outra pesquisa encontrada, dentro do mesmo assunto, foi a dissertação de Fernanda Morais de Souza

⁶⁹ Digo "maioria" e não "todas", pois apesar de muito procurar pelo LUME, não posso afirmar com toda a certeza que não haja outras disciplinas que tenham se utilizado das bonecas dentro de sala de aula até o ano de 2015.

⁷⁰ Repositório digital de trabalhos acadêmicos da UFRGS, disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 25 de out. de 2016.

⁷¹ MARQUES, 2013, p. 29.

(2010), *Revirando malas: Entre histórias de bonecas e crianças*, que buscou apresentar e analisar o comportamento de crianças com bonecas que não somos acostumados a ver nas prateleiras, como as bonecas negras, com deficiência visual/auditiva/de locomoção, gordas, com cabelos crespos, lisos etc. Ainda podemos citar o artigo de Leni Vieira Dornelles (2015) *Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento*, que leva cinco bonecas para a sala de aula do ensino infantil, representando mulheres e homens re-trabalhados, para ficarem com corpos-velhos. Assim, ela observa as relações que as crianças estabelecem com esse tipo de corpo.

Todos os trabalhos descritos acima abordavam a questão do corpo da boneca, objeto tão presente no mundo infantil. Como eu iria trabalhar com adolescentes e pré-adolescentes, que já não estão tão ligados à boneca como as crianças, levei as bonecas para a sala de aula buscando trazer questionamentos a partir da imagem da boneca que eles tanto conhecem. E uma das principais formas encontradas de provocar questionamentos foi através da subversão.

Dividi as aulas em três etapas: a primeira, com uma atividade mais longa, a respeito das primeiras esculturas e formas de representação do corpo humano; na segunda, busquei levar para a sala de aula a história das bonecas articuladas traçando relações com o que os alunos trouxeram de bagagem a partir da primeira atividade proposta; e na terceira etapa, foram apresentadas bonecas relacionadas com o mundo da arte e criado um projeto diferente em cada turma a partir disso. Nas duas turmas, no primeiro momento (a primeira etapa), a atividade prevista era a mesma, porém, os resultados foram completamente diferentes entre si. Abaixo, relatarei quais atividades foram propostas e as diferentes reações que surgiram nas distintas turmas.

Primeira etapa

Na primeira etapa foi produzido um trabalho mantendo relações com as primeiras representações de corpo humano de modo tridimensional que temos acesso hoje, ou seja, as esculturas pré-históricas. A atividade foi dividida em três principais momentos: em um primeiro momento, conversei com eles para saber o que já tinham de conhecimento sobre a arte rupestre, se conheciam esculturas desse período. Em seguida foi realizada uma aula expositiva sobre tais esculturas, para contextualizá-los no período em que começaram essas representações. No segundo momento foi realizada uma atividade com esponja multiuso, onde em grupos, os alunos deveriam criar uma escultura com a esponja, a partir do questionamento: “*se essas esculturas tivessem sido*

produzidas hoje, que corpo seria representado?” E no último momento dessa primeira atividade, foi realizada a apresentação dos trabalhos criados a partir do questionamento proposto.

Como dito anteriormente, as atividades ocorreram de modos completamente diferentes nas duas turmas em que foram trabalhadas, assim como houve pequenas diferenças na forma em que foi apresentada a atividade e na forma em que foi avaliada, que podem ter influenciado no resultado final da produção das esculturas. No primeiro ano do Ensino Médio eu pedi para que, após concluírem a construção de suas esculturas, eles escrevessem um parágrafo sobre o que os levou a produzirem as esculturas do modo que foram construídas, e qual era o objetivo inicial de suas criações. Percebi que ao ser dada a proposta e eles terem um “bloco em branco” nas mãos, ficaram com muitas dúvidas sobre o que fazer, e também com medo de errar, dificultando um pouco o andamento do trabalho. Apesar dos grandes momentos de dúvida sobre o que produzir, houve muito envolvimento dos grupos na hora de cortar e esculpir a esponja, a maioria da turma gostou do material e forma de trabalhar, porque eles nunca tinham usado esse material anteriormente.

No sétimo ano do Ensino Fundamental, a atividade tomou outro rumo. Percebendo a dificuldade do primeiro ano para trabalhar com o material, pedi aos alunos da turma 72 que fizessem um desenho (materialidade que eles possuem mais afinidade) com base na pergunta proposta. Somente depois pedi para que eles esculpisse na esponja com base no desenho criado, tendo assim algum ponto por onde começar. A criação do esboço anterior ajudou muito na criação das figuras, além de remeter ao próprio processo escultórico, que sempre possui um esboço anterior à criação tridimensional. Porém, apesar da turma ter se envolvido muito durante o trabalho e muitos dos alunos terem gostado da atividade, alguns se incomodaram com o material por ser difícil de lidar.

Após a construção, foi realizada a apresentação dos trabalhos, que foi feita em um círculo. No centro desse círculo foram dispostos os trabalhos de todos os alunos, para que cada grupo pudesse falar um pouco sobre a construção da sua escultura para o restante da turma. Na turma 112 a maioria de suas representações era focada no estilo de “bonecos palito”, que remetem aos nossos dias pela simplificação exagerada e representações tridimensionais sem gênero definido. Já na turma 72, praticamente todos os grupos focaram em padrões corporais que remetem a nossos dias, além disso, em suas apresentações, os alunos trouxeram questões sobre o preconceito racial e de classe,

gordofobia e padrão de beleza. Com base nessas questões, para cada turma, resolvi dar um foco diferente na construção do trabalho.

Segunda etapa

No segundo momento do projeto, apresentei em ambas as turmas o que eu venho pesquisando, de modo breve, mas não menos complexo do que o é. Durante o período de duas aulas para o sétimo ano, e três para o primeiro ano do Ensino Médio, realizei aulas expositivas sobre a história das bonecas articuladas, tema que venho estudando. Acrescentei também bonecos destinados ao público masculino (GI Joe, He-Man), e representações masculinas em bonecos articulados (Ken, Beto). Com isso, tracei relações entre fatos históricos (e quando possíveis fatos brasileiros) que ocorreram durante a criação/produção dos bonecos apresentados, estabelecendo assim uma relação com a atividade que trabalharam anteriormente com o professor sobre diferentes linhas de tempo.

Bonecas articuladas da antiguidade, por estarem presentes nos museus, poderiam certamente ser considerados objetos relevantes ao mundo artístico. Contudo, ao aproximar-se de nossos dias, as bonecas que citei em sala de aula já não se encontram mais nos museus, e sim nas próprias casas dos alunos. Ao fim do projeto, que detalharei mais adiante, quando levei artistas que trabalham com as bonecas como objeto artístico, apresentei novamente as bonecas dentro de um contexto que é considerado artístico. Antes de levar estes materiais, ficava com medo de que questões como "*e isso é arte, professora?*" viessem dos alunos. O que me lembra um texto de Martins (2009):

Outro ponto a ser notado, desde os anos 90, e ainda hoje, é que o ensino das artes na educação escolar ainda mantém a divisão, marcadamente modernista, entre arte erudita e popular, alta cultura e cultura de massa, obra de arte e artesanato. Desconsiderando, portanto, não apenas todas as discussões que colocam em cheque esses binômios e a própria natureza da obra de arte na contemporaneidade, como também o fato de que nossos quotidianos têm sido ocupados por uma vasta gama de visualidades, carregadas de sentidos, provocações e orientações estéticas múltiplas, com as quais precisamos aprender a interagir de modo mais crítico e (cri)ativo (p. 107).

Porém, ao levar essas bonecas para a sala de aula nas aulas expositivas, em momento algum separei-as em categorias de artísticas ou não. Apresentei as bonecas construídas por artistas ao lado das bonecas e bonecos que os próprios alunos tinham em suas casas. Também em momento algum os alunos questionaram sobre ser ou não ser arte os objetos que ali levava.

Apresentei na escola também o conceito do autor Gilles Brougère, já trabalhado nos capítulos anteriores deste TCC – ele propõe que a boneca é um reflexo distorcido da sociedade. Neste segundo momento, propus diversos questionamentos aos alunos, pedindo para que escrevessem as respostas e que essas fossem entregues, para que eu pudesse analisar e assim dar continuidade às aulas.

Terceira etapa

Esse momento foi o momento final do estágio, onde foi produzido com os alunos o trabalho final do meu período de experiência naquela escola, ocupando um maior número de aulas do que as atividades anteriores. Nesse terceiro momento do Projeto de Ensino, levei para a sala de aula, em forma de vídeos e fotos, bonecas que possuem relação com o mundo da arte, fazendo relações com os nossos dias, com o universo dos brinquedos por eles conhecidos e, com isso, foi criado o projeto final do momento de estágio. Nas duas turmas, por terem focos diferentes em seus momentos de discussão, foram produzidas duas atividades distintas. Nesse ponto, trouxe o conceito de *Critical Play*, de Mary Flanagan de modos diferentes nas duas turmas em que estagiei. Para o sétimo ano apresentei três artistas que desenvolveram um ou mais trabalhos usando como matéria prima para a obra bonecas industriais: Lia Menna Barreto, Jon Beinert e Farnese de Andrade. Cada um desses artistas possui um objetivo diferente na construção de suas obras. Jon Beinert foi apresentado a partir do seu objetivo estético, ele utiliza as bonecas como recurso para chegar a um resultado esperado; Lia Menna Barreto foi apresentada com uma forma de experimentação do material, ela utiliza a boneca e outros simulacros como se fosse qualquer outro material escultórico, sem o significado da figura humana ali apresentada; e por fim, Farnese de Andrade, que utilizava materiais que eram descartados ou jogados em praias e aterros e transformando-os em outro significado através de modificações e da forma de apresentação dessas bonecas.

As reações dos alunos ao verem os trabalhos dos três artistas citados foram muito semelhantes às reações de alunas da graduação ao verem fotos do trabalho de Lia Menna Barreto, achando as bonecas estranhas, bizarras, macabras⁷². Alguns alunos até diziam que os artistas que produziram essas bonecas eram perversos, e tinham

⁷² Marques, 2013, p.145.

“problemas na cabeça” para fazer tais intervenções. Algo interessante a se perceber foi que, durante a apresentação dos artistas, muitos alunos acharam cruéis as criações dos artistas apresentados, porque na maior parte dos trabalhos, eles destruíram, queimaram e cortaram as bonecas, que são esses simulacros humanos a quem geralmente atribuímos um status de vida. Porém, durante a construção da atividade que será descrita a seguir, os alunos não comentaram mais sobre a destruição da boneca como algo cruel, e sim, remeteram a outras questões, como a presença delas nos filmes de terror – o que também será comentado sobre mais adiante no texto.

A atividade proposta no sétimo ano foi a construção de uma boneca, a partir de fragmentos trazidos por eles e por mim, de bonecas industriais, brinquedos quebrados e diversos outros materiais (tecido, fitas), levando em consideração o que foi discutido sobre o conceito de *Critical Play* e os modos de construção dos trabalhos dos artistas apresentados. Além desses materiais, em aulas seguintes, achei interessante levar fragmentos de bonecas articuladas que venho criando desde 2014. Já acumulei durante esse tempo uma boa quantidade de testes de modelagem, bonecas em que não funcionaram as articulações, e testes de diferentes materiais. Com esse material em mãos, os alunos, a partir de fragmentos de bonecas (os) manuais, industriais, e diversos outros materiais, criaram esculturas novas a partir de suas próprias concepções.



Figura 16. Trabalhos realizados pelos alunos do sétimo ano

Houve bastante envolvimento da turma com a proposta, e surgiram diversas formas de representação a partir dos fragmentos levados para a sala de aula. A tendência

dos alunos era a de procurar colocar pernas, braços e cabeças dos fragmentos de modo a formar ainda uma figura humana a partir de outras, lembrando um pouco do monstro criado pelo doutor Frankenstein. Apenas um dos cinco grupos fugiu a essa tendência, criando algo completamente abstrato, buscando ter uma forma não humana, brincando com as possibilidades dos materiais. Apenas dois dos grupos levaram seus próprios fragmentos, outros dois utilizaram materiais diferenciados para atingir os resultados que pretendiam, como o papel amassado e pedaços de palitos. Porém, nenhum grupo tentou destruir totalmente a imagem humana das figuras. Ao fim da atividade, através de uma conversa com todos os grupos decidimos, juntos, expor as bonecas nos diversos lugares da escola.

Uma das falas mais presentes dentro da sala de aula durante a criação das esculturas a partir de fragmentos de bonecas velhas e/ou destruídas e também durante o planejamento do lugar em que seriam expostas as criações, foi a menção aos filmes de terror, o que se tornou uma longa discussão durante um dos dias finais do estágio. Os alunos lembraram de filmes que já haviam visto e diversos clichês relacionados às bonecas nestes filmes. Motivados por essa discussão, muitos dos alunos pensaram em lugares da escola que assustariam as pessoas, esperando reações de medo por parte dos demais alunos do colégio. A grande maioria dos alunos optou por deixar seus bonecos suspensos por um barbante em diferentes cantos da escola. Apenas um grupo, que havia recriado diversos bonecos, colocou alguns deles sem estarem amarrados ou pendurados em algum lugar alto, e mesmo este grupo também prendeu com um barbante uma de suas criações. Depois de expostos, alguns alunos, e eu também, observamos a reação dos alunos da escola ao verem suas criações amarradas com barbantes.

Na aula seguinte à exposição dos bonecos no intervalo, perguntei quais foram as reações observadas e se eram parecidas com as que imaginavam. Um dos trabalhos que mais chamou atenção dos alunos do colégio foi o trabalho da figura 17 que por ficar logo na descida da escada, ter cores contrastantes e ser um dos maiores, se destacou bastante, chamando a atenção de quem passava por ali. Alguns dos que viam apontavam para o colega tentando assustá-los, outros balançavam a boneca, e um grupo de alunos até inventou uma brincadeira com o objeto, interagindo com ele. A brincadeira era algo como balançar a boneca, subir na parte que ela estava e não ser atingido por ela. Alguns dos que passavam diziam que não era para interagir com os bonecos, já que eram trabalhos de uma turma, e isso os estragaria. Outros ainda, ao verem uma ou duas das criações, perceberam que haveria mais dessas peças espalhadas pela escola, começaram

a procurá-los, como em uma caça ao tesouro. A grande maioria dos alunos da turma 72 disse que isso era esperado, e muitos dos bonecos acabaram sendo modificados (com braços ou pernas arrancadas), outros acabaram sendo postos em outros lugares da escola, mas principalmente, muitos disseram que acreditavam que ninguém mais se assustaria com eles.

O período de estágio já estava sendo finalizado, mas por uma ideia vinda dos alunos, resolvi passar nas últimas duas aulas um filme que tivesse relações com os assuntos abordados durante essas semanas de experiência docente. Pensei primeiramente no filme *Coraline* (2009), de Henry Selick, inspirado no livro de mesmo nome do autor Neil Gaiman, onde a boneca tem um papel importante no começo da história, além de ser um filme de suspense. Outro bom motivo para a escolha do filme é que ele foi construído com a técnica de *Stop Motion*, em que utilizam bonecos articulados para a criação do filme. Dentre outras opções de filmes apresentadas, essa foi a que mais interessou a eles.



Figura 17. Trabalho realizado pelos alunos do sétimo ano

A terceira etapa, sem dúvidas, teve uma maior intensidade nas produções do sétimo ano. No primeiro ano do Ensino Médio, após um debate em uma das aulas, mostrei bonecas articuladas de papel produzidas por mim para mostrar que havia diversas formas de bonecas, e que aquelas industrializadas eram apenas uma delas. Percebi um grande interesse por parte da turma naquele tipo de material, então decidi trabalhar com eles aquelas bonecas. Propus que criassem uma boneca articulada em

papel, a partir das discussões que haviam sido feitas em sala de aula, tentando fugir da forma humana perfeita, pensando nas possibilidades que aquele material poderia trazer.

No começo os alunos pareceram muito interessados na atividade, porém, ao ir chegando perto do final da atividade, a impressão que passaram era a de que acabaram fazendo com o objetivo único de finalizar e entregar, vendo pouco sentido na atividade. Além disso, muitos esquecerem em casa os bonecos. Poucos alunos realmente se interessaram pela criação da figura articulada. Isso ficou ainda mais evidente no final do estágio, quando entreguei a eles um questionário, com questões acerca do interesse deles no assunto abordado durante essas semanas que estive presente na escola. Nesse questionário houve uma grande divisão das respostas, sendo que alguns sequer responderam as questões, outros apresentaram desinteresse total do tema, e outros apresentaram grande interesse pelo tema. Durante as aulas expositivas sobre a história das bonecas, houve grande participação da turma, assim como no início da atividade de construção das bonecas, porém falhei na hora de perceber o cansaço da turma em relação a atividade, para que pudesse mudá-la a tempo da finalização do estágio. No sétimo ano, no entanto, o mesmo questionário teve respostas totalmente diferentes das respostas do primeiro ano do Ensino Médio, sendo que muitos responderam que sua visão sobre bonecas realmente mudou, e agora as veem também como um objeto de arte, ou como algo a ser utilizado para outros fins, como a escultura.



Trabalho realizado por uma aluna do 1º ano do Ensino Médio

Contudo, não é possível saber se haveria o mesmo interesse na turma 112 caso eu deixasse a proposta de aula igual ao sétimo ano, até mesmo porque diferentes questionamentos surgiram nas diferentes turmas quando fiz as mesmas atividades em ambas as séries. Também não é possível saber se o tema em si que os desinteressou, a atividade proposta, ou o tempo de duração do tema abordado.

Esse simples distanciamento que tomo entre a aula e o relato da aula por mim aqui trazido, serve para repensar a minha postura como professora dentro da sala de aula, ficando mais atenta a perceber a reação da turma, tomando, como nos apresenta a autora Martins (2005), a "ideia de *negociação* como orientação" (p.110) como base para as próximas aulas. Ou seja, buscar entender quando é o tempo de mudar o rumo das atividades propostas.

3. Considerações Finais

No início de minha pesquisa, o meu objetivo girava em torno da representação do corpo da boneca, além de propor comparações com os padrões de beleza de cada período. Isso funcionou muito bem até a idade Antiga, quando as bonecas eram semelhantes às esculturas do mesmo período. Porém, após isso, surgiu um período obscuro na produção (mas principalmente de registros/vestígios) de bonecas articuladas, e as bonecas que surgiram após esse período, não parecem ter um padrão constante, e/ou não podem ser analisadas levando em conta exclusivamente as esculturas do período. Nesse ponto, percebi que para tal análise, seria necessário um estudo mais aprofundado na história da beleza, para então criar esse paralelo em relação às bonecas que pretendia inicialmente. Outro empecilho a isso foi o fato de ter limitado as bonecas que estudaria (representações articuladas de mulheres jovens e adultas), que deixou menos possibilidades para possíveis análises, além do tempo de desenvolvimento, que não foi suficiente para realizar tudo o que planejei inicialmente.

Com isso, optei por focar-me em relatar a história das bonecas, que vinha estudando meses antes de desenvolver este trabalho. Essa pesquisa apresentada, apesar de não cumprir minhas expectativas iniciais, serviu-me como base para pensar as aulas que seriam trabalhadas durante o estágio. Apesar de não ter conseguido fazer uma análise mais profunda, pude constatar em diversos casos que a boneca possui alguma relação com a moda e, portanto, com um determinado padrão corporal dito como ideal ou bonito em diversas épocas. Além disso, pude entender melhor a história da boneca antes de trabalhar este assunto com os alunos, e com mais propriedade, entender também os clichês que cercam o tema. Algo muito interessante a se considerar é que ao tentar desconstruir os clichês acerca das bonecas, acabou surgindo, por parte dos alunos, um que sequer eu lembrava: a boneca como personagem nos filmes de terror.

Apesar de não ter atingido meu objetivo ao comparar os corpos das bonecas com os padrões de beleza de cada período, fico satisfeita com o número de informações/dados que consegui aqui reunir sobre a história das bonecas, que poderá servir de base para uma próxima pesquisa que eu venha produzir, quem sabe, enfim, chegando ao meu objetivo inicial deste trabalho, ou então somente como um auxílio para quem interessar possa.

Ao que se refere às aulas ministradas durante o período de estágio, fiquei muito feliz e, ao mesmo tempo, muito desmotivada durante o tempo que se passou. Essa

mistura de sensações se deu por algumas atividades que não ganharam tanta relevância quanto acreditei que teriam, assim como por terem se interessado, mais do que eu esperava, por outros assuntos. Ao mesmo tempo em que o interesse gerado pelo 7º ano nas atividades me motivaram, o desinteresse do primeiro ano do Ensino Médio me deixou interessada em continuar pesquisando outras formas de trabalhar com a boneca dentro da sala de aula, particularmente com os adolescentes do Ensino Médio, já que estes já se afastaram do mundo do brinquedo há algum tempo, e a relação que possuem com eles é completamente diferente das séries finais do Ensino Fundamental.

Não posso responder no momento às minhas próprias dúvidas acerca dos erros e acertos que obtive em sala de aula, por falta de estudo, leitura ou de afastamento suficiente para poder perceber claramente tais erros/acertos e onde devo melhorar/investir. Além disso, sinto que a pesquisa aqui apresentada é um ponto inicial, um começo, não por falta de empenho ou por ser superficial, e sim por ser um começo de uma longa jornada que pretendo continuar. Encerro, portanto, este trabalho com uma reticência, pois ele não é um fim em si mesmo, e sim um começo para um próximo.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. LTC, 1981. 280 p.

BELLMER, Hans. **The Doll**. Trd. Malcolm Green. London, Atlas Press, 2005, p 60.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e Companhia**. Cortez, 2004. 335 p.

_____. **Brinquedo e Cultura**. 5. ed. Cortez, 2004. 110 p.

BURR, Dorothy. **The Terracotta Figurines**. **The Journal Of The American School Of Classical Studies At Athens**, v. 2, n. 2, p.184-194, The American Excavations in the Athenian Agora: 1933. Disponível em: <<http://www.ascsa.edu.gr/pdf/uploads/hesperia/146508.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

DORNELES, Leni Vieira. Bonecos com Corpos-Velhos: o que dizem as crianças sobre envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p.173-190, jan/março. 2015.

ELDERKIN, Kate McK. 1930. "Jointed Dolls in Antiquity." **American Journal of Archaeology**, 34(4)

FLANAGAN, Mary. **Critical Play: Radical Game Design**. Cambridge: Mit, 2009.

HARRIS, Muriel. The Doll. **The North American Review**, v. 212, n. 781, p.809-815, dez. 1920.

HERBERT, Kevin. Terracotta Figurines in the Walker Art Building. **The Classical Journal**, v. 55, n. 3, p.98-111. Brunswick, 1959.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. PEDAGOGIAS VISUAIS DO FEMININO: arte, imagens e docência. **Currículo Sem Fronteiras**. Porto Alegre, p. 148-164. Jul/Dez 2008. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/loponte.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MACÁRIO, Aline. **Ball-Jointed Dolls: Uma forma de Arte**. 2011. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

MANSON, Michel. **História do Brinquedo e dos Jogos: brincar através dos tempos**. Lisboa: Teorema, 2002.

MARTINS, Alice Fátima. Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada.... In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Editora da Ufsm, 2009. p. 101-117.

MARQUES, Circe Mara. **Experiência com bonecas anormais no curso de pedagogia**: construindo modos de ser professora. 2013. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MAUS, Lilian (Org.). **A palavra está com elas**: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais. Porto Alegre: Panorâma Crítico, 2014. Disponível em: <https://mulheresnaartecontemporanea.files.wordpress.com/2014/05/livro_book_a_palavra_estc3a1_com_elas.pdf>. Acesso em: 28 out. 2016.

PISANI, Marcella. The Collection of Terracotta Figurines in the British School at Athens. **The Annual Of The British School At Athens**, v. 101, p.269-368, 2006.

RAHMANI, L. Y.. Roman Tombs in Shmuel ha-Navi Street, Jerusalem. **Israel Exploration Journal**, v. 10, n. 2, p.140-148, 1960.

SOUZA, Fernanda Morais de. **Revirando malas: Entre histórias de boencas e crianças**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

TAYLOR, Sue. Hans Bellmer in The Art Institute of Chicago: The Wandering Libido and the Hysterical Body. **Art Institute Of Chicago Museum Studies**, v. 22, n. 2, p.150-199, 1996.

TOSA, Marco. **Le Collezioni BAMBOLE**. Bompiani, 1993.

Sites utilizados:

<https://www.vam.ac.uk/>

<http://www.metmuseum.org/>

<http://www.britishmuseum.org/>

<http://artmuseum.princeton.edu/>

Apêndice: Plano de aula

Turma 72 (aulas de 100 min)	Turma 112 (aulas de 100 min)
<p>AULA 1</p> <p>Conteúdo: Apresentação e combinações</p> <p>Metodologia: A aula será proposta dentro de um círculo, todos sentados no chão. Apresentação minha para a turma, e da turma para mim. Combinações de silêncio, pedido de atenção. Sondagem da turma através de perguntas acerca do que sabem sobre que materialidades abrangem a arte, o que já fizeram em sala de aula (em outros anos também).</p>	<p>AULA 1</p> <p>Conteúdo: Apresentação e combinações</p> <p>Metodologia: A aula será proposta dentro de um círculo, todos sentados no chão. Apresentação minha para a turma, e da turma para mim. Combinações de silêncio, pedido de atenção. Sondagem da turma através de perguntas acerca do que sabem sobre que materialidades abrangem a arte, o que já fizeram em sala de aula (em outros anos também).</p>

Turma 72	Turma 112
<p>Primeiro momento:</p> <p>Conteúdo: Escultura rupestre</p> <p>Metodologia: Roda de conversa 1: conversas sobre o que lembram acerca das esculturas ou desenhos rupestres e mais eram os significados e motivos que imaginam que teriam estas figuras. Apresentação de forma expositiva das esculturas rupestres (as “Vênus”) e conversas sobre as imagens.</p> <p>Atividade: A turma foi dividida em 6 grupos. Foi entregue folhas de ofício e pedido para que fizessem um desenho a partir da proposta: “a partir da discussão anterior e das imagens apresentadas, discutir com o grupo e produzir uma imagem que seria feita nos dias atuais.” Só então foi entregue para cada 4 alunos um pedaço de espuma grande para que cortassem a espuma e criassem a partir do desenho deles.</p> <p>Roda de conversa: apresentação dos trabalhos, dos motivos que levaram a esculpir o que esculpiram e conversa sobre o que foi refletido a partir disso.</p>	<p>Primeiro momento:</p> <p>Conteúdo: Escultura rupestre</p> <p>Metodologia: Roda de conversa 1: conversas sobre o que lembram acerca das esculturas ou desenhos rupestres e mais eram os significados e motivos que imaginam que teriam estas figuras. Apresentação de forma expositiva das esculturas rupestres (as “Vênus”) e conversas sobre as imagens.</p> <p>Atividade: A turma foi dividida em 6 grupos. Foi entregue para cada 4 alunos um pedaço de espuma grande para que cortassem a espuma e criassem uma figura a partir da proposta: “a partir da discussão anterior e das imagens apresentadas, discutir com o grupo e esculpir uma imagem na esponja uma figura que seria feita nos dias atuais”. Após isso, foi pedido para que cada grupo escrevesse um texto refletindo sobre a forma que eles escolheram.</p> <p>Roda de conversa: apresentação dos trabalhos, dos motivos que levaram a esculpir o que esculpiram e conversa sobre o que foi refletido a partir disso.</p>

Turma 72	Turma 112
<p>Segundo momento:</p> <p>Conteúdo: As bonecas na história da arte</p> <p>Metodologia: Aulas expositivas apresentando as bonecas na história da arte, relacionando com momentos históricos por eles conhecidos e procurando levar elementos que foram citados pelos alunos nas aulas anteriores. Após cada aula, realizar discussões acerca das imagens apresentadas. Apresentação do conceito da boneca como espelho da sociedade, de Guilles Brougère.</p>	<p>Segundo momento:</p> <p>Conteúdo: As bonecas na história da arte</p> <p>Metodologia: Aulas expositivas apresentando as bonecas na história da arte, relacionando com momentos históricos por eles conhecidos e procurando levar elementos que foram citados pelos alunos nas aulas anteriores. Após cada aula, realizar discussões acerca das imagens apresentadas. Apresentação do conceito de boneca como espelho da sociedade, de Guilles Brougère.</p>

Turma 72	Turma 112
<p>Terceiro momento</p> <p>Conteúdo: Lia Menna Barreto, Jon Beinart, Farnese de Andrade</p> <p>Metodologia: Aula expositiva sobre três artistas que trabalharam com bonecas articuladas industriais na produção de seus trabalhos. Apresentação do conceito de Critical Play, de Mary Flanagan.</p> <p>Dividir a turma em 6 grupos. Trabalho prático com a seguinte proposta: “a partir do que foi discutido durante as últimas aulas, construir uma figura (abstrata ou figurativa) com restos de bonecas e bonecos articulados”.</p> <p>Ao último momento, instalar as bonecas criadas por lugares da escola, a fim de anotar e relatar as reações dos outros estudantes do colégio.</p>	<p>Terceiro momento</p> <p>Conteúdo: bonecas articuladas de papel</p> <p>Metodologia: Produção de bonecas articuladas de papel a partir do conceito apresentado nas aulas anteriores e das discussões que ocorreram, representando algum corpo humano. Por fim, a produção de um stop motion com os bonecos criados, utilizando bonecos tridimensionais com os bonecos por eles criados.</p>